



**ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE**

**JULIANA SANTOS ROCHA**

**DIVERSIDADE, USOS E CIRCULAÇÃO DE PLANTAS  
MEDICINAIS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA  
EM ILHÉUS - BAHIA**

Uruçuca  
2018

**JULIANA SANTOS ROCHA**

**DIVERSIDADE, USOS E CIRCULAÇÃO DE PLANTAS  
MEDICINAIS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA  
EM ILHÉUS - BAHIA**

Trabalho Final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Comitê de Orientação:  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Carla Daiane Dutra  
Prof. Dr. Ílio Montanari  
Prof. Dr. Thiago Mota Cardoso

Uruçuca  
2018

### **Ficha Catalográfica**

ROCHA, Juliana Santos. DIVERSIDADE, USOS E CIRCULAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA EM ILHÉUS - BAHIA. 2018. 85f.

Trabalho Final (mestrado): IPÊ – Instituto de Pesquisas ecológicas

1. Palavra-chave: Plantas medicinais
2. Palavra-chave: Biodiversidade
3. Palavra-chave: Farmácias Vivas
- I. Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade, IPÊ

## **JULIANA SANTOS ROCHA**

### **DIVERSIDADE, USOS E CIRCULAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BAIRRO NOSSA SENHORA DA VITÓRIA EM ILHÉUS - BAHIA**

Trabalho final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. THIAGO MOTA CARDOSO

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> SUSANA PÁDUA

---

Prof. Dr. ÍLIO MONTANARI

Uruçuca, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Aos meus amores e imprescindíveis:  
Emilio e João Gustavo,  
e ao meu pai Cosme (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar pela vida e inspiração para a pesquisa.

À família, pelo apoio incondicional durante o curso de mestrado e período de pesquisa, aos momentos de ausência e stress.

A João Gustavo, fruto da minha alma.

A Emilio, amor da minha vida.

A Suzana, mãe árvore de onde sou fruto.

A Ivonete e Seu Zé, sogros queridos.

A Pinheiro, primo e irmão de coração e André irmão da jornada da vida.

A Tolkien, pelo incansável apoio e ternura.

À comunidade que me acolheu e dividiu seus conhecimentos pelo bem da conservação da Mata Atlântica.

Às irmãs Ana e Bernardete (in memoriam) da Pastoral da Saúde.

A dona Joana, especialista em plantas medicinais, e a todos os especialistas do bairro Nossa Senhora da Vitória.

Ao bioma da Mata Atlântica, por nos suportar e por tamanha resiliência.

A ESCAS, instituição de ensino superior que nos faz enxergar o mundo com outro olhar.

A Cristiana, nossa força em todos os momentos.

A Suzana, por sua inspiração e exemplo de vida.

A Cláudio pelo pioneirismo e dedicação.

Aos colegas de trabalho dos municípios onde sou parte do quadro técnico e que me apoiaram e incentivaram sempre, em especial Dani, Meire, Vitória, Sueli, Rita, Lucia e Geisa.

Aos colegas de curso, amigos e irmãos da família ESCAS, Stela, Patrícia, Analuce, Ana Vicente, Mônica, André, Tarcísio, Lucian, Benedito, Lucas, Juliano, Gildevânio, Wanderson, Geisa.

Aos orientadores pela generosidade.

Carla, amiga, professora e colega enfermeira por sua paciência e sabedoria.

Ílio, pesquisador e grande conhecedor de plantas medicinais da Mata Atlântica.

Thiago, que abriu um leque novo de possibilidades sobre o tema pesquisado e pela sempre pronta disposição em sanar minhas frequentes dúvidas.

Enfim, a todos que de alguma maneira tornaram esse sonho possível.

## RESUMO

Este trabalho visou pesquisar a relação do sistema integrado que envolve a saúde pública e os conhecimentos locais associados à biodiversidade, por meio de uma avaliação dos conhecimentos e práticas envolvendo o uso de plantas medicinais, em especial da circulação de plantas e transmissão de saberes na comunidade do bairro Nossa Senhora da Vitória, zona urbana de Ilhéus, uma região próxima da Mata Atlântica. O presente estudo pretendeu delinear e compreender o fluxo das plantas medicinais no território por meio dos líderes e cuidadores de hortas e quintais, entendido neste trabalho como uma das principais práticas de manutenção de recursos fitogenéticos e de saberes em áreas periurbanas na Mata Atlântica. Visou também entender os usos das plantas medicinais dessa comunidade através do método etnobotânico e por instrumento de entrevistas semiestruturadas com os atores locais. Foram utilizados métodos qualitativos e quantitativos e análise do discurso coletivo. Foram elencadas 48 plantas de uso medicinal no bairro pelas especialistas locais, dentre as plantas mais utilizadas. Destas, 41% são de surgimento espontâneo nos quintais, capoeiras e florestas, o restante é de plantas medicinais cultivadas de outros ecossistemas. Conclui-se que existe circulação de plantas e conhecimentos que são transmitidos principalmente entre familiares de ascendência como pais e avós, figurando preferencialmente transmissão vertical. A reintrodução de plantas nativas nesse ambiente urbano, além de favorecer ao aumento de diversidade biológica local, pode perpetuar a função ecossistêmica de fornecer plantas de uso terapêutico para essa comunidade.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais. Biodiversidade. Saúde pública.

## ABSTRACT

This work aimed to investigate the relationship of the integrated system that involves public health and local knowledge associated with biodiversity, through an evaluation of knowledge and practices involving the use of medicinal plants, especially plant circulation and transmission of knowledge in the community of Nossa Senhora da Vitória, urban area of Ilhéus, an area close to the Atlantic Forest. With the present study it was intended to delineate and understand the flow of medicinal plants in the territory through the leaders and caregivers of gardens and backyards, understood in this work as one of the main practices of maintenance of phylogenetic resources and knowledge in peri-urban areas in the Atlantic Forest. It also aimed to understand the uses of medicinal plants in this community through the ethnobotanical method and the instrument of semi-structured interviews with local actors. It was used qualitative and quantitative methods and the analysis of collective discourse. There were 48 plants for medicinal use in the neighborhood and listed by local specialists, among the most used plants. Of these, 41% are of spontaneous origin in backyards, farms and forests, the rest are of medicinal plants cultivated from other ecosystems. Concludes that there is a circulation of plants and knowledge that are transmitted mainly among relatives of ancestry as parents and grandparents, with preferably vertical transmission. The reintroduction of native plants in this urban environment besides favoring the increase of local biological diversity can perpetuate the ecosystem function of providing plants of therapeutic use to this community.

**Keywords:** Medicinal plants. Biodiversity. Public health.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tempo de duração das entrevistas em áudio.....	36
Tabela 2 – Perfil dos entrevistados .....	37
Tabela 3 – Frequência das plantas medicinais mais citadas .....	40
Tabela 4 – Biodiversidade local das plantas medicinais e tipo de cultivo ou aquisição .....	42
Tabela 5 – Usos, frequência, partes usadas e formas de preparo relatadas .....	54
Tabela 6 – Alvos terapêuticos e quantidade de plantas relacionadas com a CID-10 .....	58
Tabela 7 – Cuidados realizados pelos especialistas locais com o solo.....	62
Tabela 8 – Tipo de solo nos quintais das especialistas do bairro.....	62
Tabela 9 – Circulação das plantas nos quintais e origem no território .....	66
Tabela 10 – Participação em curso e possuir horta .....	70

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da estufa de armazenamento das plantas coletadas .....	26
Figura 2 – Foto aérea do Bairro Nossa Senhora da Vitória.....	28
Figura 3 – Foto aérea do plano geral do bairro Nossa Senhora da Vitória .....	29
Figura 4 – Mapa de Ilhéus e recorte do bairro Nossa Senhora da Vitória.....	31
Figura 5 – Mapa do bairro Nossa Senhora da Vitória .....	31
Figura 6 – Foto do mapa do bairro sob a perspectiva da equipe de saúde.....	32
Figura 7 – Identificação da especialista chave e primeiras indicações – Fase 1.....	34
Figura 8 – Fluxo de indicações da bola de neve – Fase 2. ....	34
Figura 9 – Fluxo de indicações da bola de neve. ....	35
Figura 10 – Foto do quintal do especialista E 10.....	63
Figura 11 – Circulação das plantas medicinais no território pesquisado (Sociograma) .....	64
Figura 12 – Mapa de circulação de saberes no local estudado.....	68
Figura 13 – Foto do Laboratório de Produtos Naturais do Projeto Farmácias Vivas/UFC .....	75
Figura 14 – Foto de Placa do Horto de Plantas Medicinais do Projeto Farmácias Vivas/UFC .....	75
Figura 15 – Foto de exposição das plantas do Parque do Rio Cocó em quadros.....	76
Figura 16 – Placa identificando área de plantio no Parque do Rio Cocó .....	77

## LISTA DE SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
CCMA	Corredor Central da Mata Atlântica
CGEN	Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
COOLIMPA	Cooperativa de Catadores Consciência Limpa
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
ESF	Estratégia de Saúde da Família
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MMA	Ministério do Meio Ambiente
OMS	Organização Mundial de Saúde
SISGEN	Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
METODOLOGIA .....	22
O LOCAL DE ESTUDO.....	27
OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA.....	33
<b>1 PLANTAS MEDICINAIS: RIQUEZA E DISTRIBUIÇÃO</b> .....	<b>39</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	39
1.2 ANÁLISES E RESULTADOS .....	40
<b>1.2.1 Plantas medicinais não cultivadas</b> .....	<b>43</b>
1.2.1.1 Aroeira.....	44
1.2.1.2 Cidreira de folha .....	46
1.2.1.3 Tetrex .....	46
1.2.1.4 Pitanga .....	47
1.2.1.5 Cajueiro .....	48
1.2.1.6 Quebra-pedra .....	49
1.2.1.7 Mastruz.....	50
1.3 CONCLUSÕES .....	50
<b>2 PLANTAS MEDICINAIS: USOS E PRÁTICAS</b> .....	<b>52</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	52
2.2 USOS E PRÁTICAS.....	54
<b>2.2.1 Usos</b> .....	<b>54</b>
<b>2.2.2 Práticas</b> .....	<b>61</b>
2.3 CIRCULAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS E SABERES RELACIONADOS .	63
<b>2.3.1 Circulação das plantas medicinais no território estudado</b> .....	<b>64</b>
<b>2.3.2 Circulação dos conhecimentos e saberes sobre as plantas medicinais mais utilizadas</b> .....	<b>68</b>
2.4 CONCLUSÕES .....	73

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>74</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>83</b>
ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	83
ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	84

## PRÓLOGO

Convido os leitores a conhecer um pouco das estórias de vida que motivaram esta pesquisadora a iniciar este mergulho no universo das plantas medicinais de um bairro em Ilhéus. Caso queiram ir direto para a pesquisa científica, fiquem à vontade para iniciar a leitura pela Introdução.

Despertei minha atenção para as plantas medicinais na observação do cotidiano de Dona Zezé, minha saudosa avó materna. Ela recomendava rotineiramente remédios caseiros, como chás, pomadas e xaropes. Mas, se o caso exigisse uma reza para livrar a pessoa de um “mau olhado” ou de “espinhela caída”, como rezadeira, minha avó costumava balançar três raminhos de plantas.

Primeiro, ela embalava as plantas na região do corpo afetada pela enfermidade, depois ela circulava os raminhos ao redor da pessoa. Minha avó fazia esses movimentos sussurrando baixinho a frase: “com dois te botaram, com três eu te tiro, com a graça de Deus e da virgem Maria”. Fazia isso repetidas vezes em sinal de cruz.

Após a reza, os galhinhos deveriam estar murchos como sinal de que funcionou. Se o problema fosse muito forte deveria ser repetido o processo com ervas diferentes. Ao término, saíam com orientações de chás e banhos pra manter o efeito e livrar do mal. Lembro-me de Vó Zezé sempre que escuto esse pedacinho da música “Tocando em Frente”, de Renato Teixeira e Almir Sater: “Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs [...]”. Costumo ouvir essa canção nos momentos em que preciso de forças para enfrentar os desafios da vida.

Vó Zezé era filha de uma índia com um “gringo” norte-americano, por isso era ruiva, o que dava a ela um visual bem diferente e poético. Meu avô a chamava curiosamente de raposa de fogo, pois para ele Vó era uma mulher valente e pequena na estatura. O que não reduzia sua admiração. Ele dizia que ela era capaz de comer pimenta malagueta sem ficar vermelha e chupar limão sem fazer careta.

Vó, como se costuma dizer na Bahia, acordava com as galinhas. Cedinho estava de pé, jogando milho para as aves. Limpava a bagunça na mesa das frutas que eram colocadas para os animais silvestres de que ela cuidava. Eram tucanos, papagaios, periquitos, micos e quantos mais visitantes chegassem. Minha avó era

simples e com isso tive ensinamentos valiosos de respeito à vida em todas as suas formas.

Costumava vê-la caçando minhocas para colocar na horta. Quando fazia noites com trovoadas, procurava rastros de filhotes de cágado para levar ao viveiro. Comprava milho em grande quantidade para manter sua criação de galinhas, patos, marrecos, perus e gansos. Porém, não tirava dessas atividades retorno financeiro nem alimentar.

Ninguém podia matar nenhuma dessas aves. E os ovos eram em sua maioria para procriação. Exceto o ovo de ganso, nas poucas vezes ao ano em que ela separava alguns com exclusividade para me fazer uma “batida secreta”; dessa parte a recordação não era boa.

Aquela bicharada toda era cuidada com carinho e amizade, e cada uma tinha nome. A patinha gordinha que tinha uma perna mais curta era chamada de Edgarzinha; e tinha a galinha Filó, o ganso Valente, o pato preto das azas azuladas chamado de Brilhante.

Essa amizade dela com os animais trazia às vezes desentendimento, pois Vó os enxergava como amigos e Vô os considerava saborosas iguarias. Para não a contrariar, os patos e galinhas só iam para a panela quando acontecia algum acidente com eles, como algum neto atirar com a espingarda, aparentemente sem a autorização do avô. Só anos depois soubemos que era tudo combinado entre Seu Dico e os netos, porque ela não conseguia ficar chateada com estes últimos.

Na infância, demorei para crescer, comia pouco e não gostava de alguns legumes. Também era muito alérgica e asmática, o que causava muita preocupação em Vó Zezé. Ela vivia pedindo para eu ir morar com ela, para que ela pudesse me tratar com sua sabedoria. Saudade dos seus cuidados e das investidas em me fazer gostar de alimentos mais naturais.

Passei a amar sopas, sucos de frutas dos mais variados, triturados de mastruz, maçã, ovo de ganso batido com leite condensado e “Biotônico Fontoura”. Paçoca de caroço de abóbora. Farofa com casca de ovo de pato. Ovo de galinha batido com farinha e açúcar (receita nutritiva de ovo cru).

Fui me tornando, assim, adepta e fã das receitas caseiras. Receitas que harmonizavam seus rituais e suas tradições com aquele quintal. Quintal povoado de verde, frutas e animais, tanto os domesticados como os silvestres. Fui conhecendo os tipos mais incríveis de remédios feitos com plantinhas diversas, algumas que pensava

antes que eram apenas matinhos e ervas daninhas sem valor implícito, mas que naquelas sábias mãos se tornavam valiosas.

Nesse ambiente de respeito às tradições e aos recursos dos quintais da região sul da Bahia, onde muitas outras senhorinhas fazem suas receitas ancestrais, é que eu cresci.

A asma me aproximou tanto das plantas medicinais quanto dos serviços de saúde. Minha mãe conta que, quando morávamos em Salvador, por ter o ar mais poluído, eu vivia tendo crises de falta de ar. Por isso tivemos que nos mudar para uma casa vizinha ao principal hospital de emergência que mais buscávamos. As crises eram frequentes e muitas vezes agudizavam à noite. Eu era levada às pressas no colo ao hospital.

Atribuo a essa intimidade com os procedimentos de rotina num pronto socorro e unidades de saúde para injeções e nebulizações, por exemplo, o que me fez despertar desde muito cedo o desejo de trabalhar como enfermeira. Queria cuidar das pessoas da mesma maneira de que fui tratada. Queria ser como aqueles anjos que aliviavam meus sofrimentos e que enxergava como heróis e heroínas.

No bairro Nossa Senhora da Vitória, vizinho ao qual resido (Hernani Sá), tem vários quintais e jardins repletos de plantas de uso terapêutico. Nesse local aprendi muito com a comunidade sobre os usos dessas plantas. O primeiro contato que tive com o grupo da Pastoral da Saúde do bairro foi em uma das práticas da especialização de Enfermagem Neonatal e Pediátrica, que aconteceu na Unidade de Saúde da Família do local.

Nos momentos dos estágios, houve encontros entre moradores, clientes da Unidade de Saúde e a Pastoral da Saúde para desenvolver e elaborar receitas com plantas medicinais e fórmulas de multimisturas, visando reduzir as doenças prevalentes na infância. A exemplo de sabão para combater a escabiose, xaropes caseiros para tosse, além de outros componentes terapêuticos, como o preparo do soro de reidratação oral para combater a desidratação.

Quando finalizou o curso, assumi a Coordenação Municipal de Saúde da Criança em Ilhéus e pude conhecer as realidades de saúde de toda a cidade durante cinco anos (de 2006 a 2011). Sendo funcionária efetiva nos municípios de Ilhéus e Itabuna (de 2004 aos dias atuais), em diversos momentos prestei assessoria na área técnica de saúde da criança e do adolescente, tendo a oportunidade de visitar as



muitas unidades de saúde dessas cidades. Nesses momentos pude conversar com as pessoas que cuidam de crianças em situações de risco de saúde e as maneiras alternativas que elas praticavam.

Testemunhei as iniciativas de várias localidades do eixo Ilhéus-Itabuna e percebi que o bairro Nossa Senhora da Vitória possui uma energia, um sinergismo de vontades e ações ligadas às terapias naturais que não parava de acontecer. As pessoas que faziam esses trabalhos, em especial a Irmã Bernardete e Dona Joana, foram contatadas inicialmente. Irmã Bernardete era a líder da Pastoral da Saúde e Dona Joana, a atual líder comunitária do bairro em estudo e membro da Pastoral da Saúde. Além disso, era dona do maior quintal com plantas medicinais no bairro Nossa Senhora da Vitória.

Pessoas que, com sua simplicidade marcante, tocam as vidas do bairro e das cidades vizinhas onde quer que sejam chamadas para ensinar sobre nossas plantas que curam e aliviam dores.

Em 2016 houve uma reunião na aldeia indígena próxima ao bairro Nossa Senhora da Vitória, momento em que conheci a aldeia Tucun – Tupinambá de Olivença. Enquanto transitamos pela área principal de reuniões, passamos por uma grande aroeira e nesse momento o cacique Ramón, que nos apresentava e acompanhava ao local, cantou um trecho da música popular que a cita: *“Aroeira é pau pesado, num é minha véia? Arrisca quebra o pau e aí deu sodade...”*, canção composta por Xangai, de nome “ABC do preguiçoso”.

Ouvir essa música, que me remonta a infância mais distante, e cantada pelo cacique da aldeia, foi um momento mágico. As casas ao redor da área comum são de taipa e telhado feito com piaçava, seus quintais são rodeados por hortas medicinais e alimentícias. A imagem me lembrou o bairro Nossa Senhora da Vitória por conta dos quintais biodiversos em plantas medicinais e a ligação com seus donos e seus conhecimentos. Percebi uma grande teia invisível que alinhava esses pontos, suas tradições e usos.

Uma das pessoas com quem conversei sobre a aroeira foi a senhora que me ajuda nos serviços de casa, Dona Lurdes, residente coincidentemente no bairro Nossa Senhora da Vitória. Ela se lembrou de que fez uso por muito tempo da casca e da folha de aroeira para tratamento das pernas, com banhos de imersão que ajudam a desinflamar as varizes e a pele, que, no caso dela, tem propensão à erisipela.

Depois dessa conversa em junho de 2016, ela pediu ao seu esposo, Seu José Muniz, para buscar casca e folhas para os banhos numa árvore grande, que fica na floresta próxima à casa deles.

Seu José, que era um descendente indígena da aldeia Tupinambá de Olivença, foi algumas vezes buscar o material necessário para o tratamento na mata. Em uma das vezes viu bandidos locais com rede de dormir armadas nas árvores e estes o ameaçaram. Disseram-lhe para não mais retornar. Eles estavam escondidos da polícia. Porém, como ela narrou, sendo um senhor com 68 anos, ele não acreditava que a ameaça fosse real.

Sendo morador antigo daquelas áreas e a aroeira ideal sendo a da floresta, ele a adentrou novamente e dessa vez não retornou mais para casa. Foi assassinado a tiros pelos homens que lhe haviam ameaçado para não entrar mais na floresta. Uma bala o atingiu nas costas e a outra no olho, como sinal por ele estar vendo o que eles não queriam.

Foi um choque para Dona Lurdes, aos 59 anos, perder o companheiro de vida por um motivo tão banal e cruel. E também para a autora da pesquisa, que vem estudando sobre as plantas medicinais, sobre a aroeira, por se sentir responsável ao conversar sobre a planta; foi um momento bastante difícil. Gerou preocupação por saber que as florestas próximas às áreas urbanas estão desprotegidas e são locais suscetíveis à criminalidade. Carecem de maior atenção dos órgãos de segurança.

Refletindo sobre o bem e o mal, respeitando também as questões e contextos históricos em que as pessoas estão inseridas, lembro-me de minha avó paterna e parte de sua história de vida. Vó Vavá também povoou minha memória com chazinhos e plantas medicinais. Ela era neta de uma índia que foi dada de presente ao tataravô português, dentro de uma gaiola grande de madeira, onde viveu seus poucos anos restantes.

Teve dois filhos com ele contra sua vontade, um deles sendo meu bisavô, pai de Vó Vavá. Essa avozinha que viveu até os 92 anos, cheia de sabedoria, muito católica, escreveu a história de um sonho que tive com 4 anos de idade. Desse sonho, lembro-me dos fragmentos, que não foram esquecidos com o tempo graças ao seu registro.

Contava assim:

Essa noite eu tive um sonho... sonhei que estava deitada na cama, quando abri os olhos, e apareceu diante de mim uma escada rolante feita de arco-íris

muito brilhante, que subia pelo telhado e foi me transportando pelo céu e subindo até as nuvens, onde cheguei e encontrei um imenso jardim.

Comecei a andar pelo jardim e vi um homem vestido de branco, que também brilhava como uma lâmpada acesa ao seu redor. Esse homem bondoso falou meu nome completo e disse que eu poderia perguntar o que quisesse. Muito curiosa perguntei o significado do jardim no céu.

Ele pediu que eu observasse que o jardim era dividido em vários jardins menores. Esses jardins menores eram diferentes uns dos outros. Na entrada de cada um dos jardins havia uma placa com o nome de cada uma das pessoas da Terra, cada pessoa tem o seu próprio jardim nas nuvens. Inclusive o meu nome no jardim que ele sempre observava, e que se localizava distante de onde estávamos.

A explicação que ele deu para os jardins é de que um dia iremos morar neles e que eles eram plantados de acordo com nossos atos na Terra. Ou seja, se fizermos coisas boas o jardim será florido e frutífero, repleto de tudo que iremos precisar. Mas, o contrário, ações más e egoístas, produziram os jardins que se aumentavam diante dos meus olhos assustados, jardins pedregosos, espinhosos e desérticos.

Nesse momento experimentei medo, parecia que o sonho tinha virado pesadelo. Então pedi para conhecer o meu jardim e a surpresa maior foi a resposta do homem: que o jardim só poderia ser visto de fora; somente a placa com meu nome completo que eu já estava vendo apavorada.

Porque ele ainda não está pronto, ainda vai começar a plantar, ele dizia ao longe enquanto eu corria desesperadamente para ver o jardim. Fui pulando alto nas nuvens macias, correndo e correndo. Quando um galho escondido puxou meu pé e caí de cara na cama. Acordei chorando porque não consegui ver o meu jardim.

Vó Vavá contava que precisou me acalantar e que sua interpretação da estória, ao seu olhar católico, é que teria sido a aparição de um anjo no meu sonho e que isso deveria ser pensado como um aviso dado pela boca de uma criança. Ela sempre lia o texto do sonho em reuniões da família e me veio à memória agora, depois de tanto tempo.

Com a lembrança desse sonho de infância, reporto-me para as aspirações que me movem neste trabalho de pesquisa, ao qual desejo que tenha repercussão na comunidade e fora dela, onde houver floresta e conhecimentos tradicionais e ancestrais que sejam conservados. Que desse conhecimento possamos verter em boas ações para os seres humanos, para a vida e para a nossa Mata Atlântica. Sei que é uma aspiração grande, mas os sonhos devem ser assim.

## INTRODUÇÃO

Durante os anos de 2004 a 2016, ocorreu no município de Ilhéus uma série de atividades desenvolvidas no bairro Nossa Senhora da Vitória em torno do uso de plantas medicinais. Essas ações foram realizadas por membros da comunidade, funcionários da Unidade Básica de Saúde (UBS), onde destaco a participação ativa dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e a parceria incansável da Pastoral da Saúde<sup>1</sup>.

Na Pastoral da Saúde existe um grupo que fica responsável, dentre suas atividades religiosas, por promover ações educativas em torno do conhecimento local sobre plantas medicinais. Tais atividades educativas são realizadas junto com os demais órgãos públicos sediados no bairro, a Unidade Básica de Saúde e o Centro de Referência em Assistência Social.

Essas ações são realizadas com periodicidade programada, de acordo com as necessidades da comunidade. O apoio dos órgãos públicos varia de acordo com o período de gestão municipal, que oscila com as mudanças eleitorais, em momentos mais ativamente que outros. Já da Pastoral da Saúde, o apoio e o incentivo são constantes.

Nos momentos em que ocorreram as oficinas de elaboração de receitas caseiras pôde-se observar a maneira própria dessas pessoas em organizar as atividades, percebendo-se, assim, diferenças na confecção que não constavam em livros específicos da área, as plantas medicinais eram utilizadas de forma diferente do que em teoria.

A ebulição de conhecimentos não registrados vistos até então nessa comunidade e o desejo de levar essa experiência para mais lugares do município e da região foram as motivações para o desenvolvimento do presente trabalho.

---

<sup>1</sup> A Pastoral da Saúde, conforme a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é uma organização cívico-religiosa, sem fins lucrativos, de atuação em âmbito nacional e de referência internacional, sob CNPJ 05161381/0001-04, comprometida em defender, preservar, cuidar, promover e celebrar a vida (ou seja, saúde plena) de todo o povo de Deus, independente de quaisquer fatores de exclusão social, inclusive do credo. Com dezenas de milhares de agentes por todo o território nacional, essa Pastoral atua em três dimensões: solidária, comunitária e político-institucional.

O bairro Nossa Senhora da Vitória foi escolhido como local deste estudo por ser referência reconhecida na região de Ilhéus no desenvolvimento de trabalhos comunitários com plantas medicinais.

O tema proposto para esta pesquisa é diversidade, usos e circulação de saberes sobre plantas medicinais no bairro Nossa Senhora da Vitória em Ilhéus, Bahia. A pergunta que orientou o trabalho foi: quais são as práticas e usos das plantas medicinais pela comunidade do bairro Nossa Senhora da Vitória e como os moradores atuam para perpetuação das plantas e saberes associados? Para responder estas perguntas foi delineado o seguinte objetivo geral: avaliar o conhecimento e a circulação das plantas medicinais na localidade. E os objetivos específicos foram: identificar quais são as plantas que são mais utilizadas e quais as suas principais características na percepção dos entrevistados. Buscou-se também verificar os usos e práticas das plantas identificadas, bem como traçar um mapa de circulação e fluxo das plantas medicinais utilizadas.

Realizar um primeiro levantamento básico e conhecer o banco fitogenético<sup>2</sup> medicinal das plantas do bioma da Mata Atlântica utilizado pela população de um bairro da zona sul do município de Ilhéus que é vizinho a uma aldeia indígena me inspira nesse trabalho.

Esses usos e ações podem ter desenvolvido um sistema terapêutico tradicional local, fato que, se confirmado, pode estar gerando um fluxo de espécies de plantas medicinais em circulação dentro do território estudado e entre os locais de floresta próximas e quintais do bairro.

O uso das plantas medicinais é amplamente realizado pelo ser humano por todo o mundo desde tempos remotos. Conhecimento que deu origem aos medicamentos hoje utilizados na farmacologia moderna, visto que grande parte dos medicamentos sintéticos são derivados de plantas, fungos, animais e seus derivados (ALBUQUERQUE, U., 2014). O saber tradicional dos recursos biológicos, conforme Ulisses Albuquerque (2014), tem despertado o interesse do público em geral e da indústria sobre os produtos naturais na busca da biodiversidade para fins farmacêuticos, biotecnológicos e conservacionistas.

---

<sup>2</sup> Fito: referente a plantas e vegetais; genética: ramo da biologia voltado para o estudo da hereditariedade e do modo pelo qual as informações contidas dentro do material genético são expressas nos indivíduos (TASSARA, 2008).

Segundo Elizabeth Ferreira (2010, p.212):

A busca do homem por soluções que pudessem apagar suas dores e doenças foi sempre incessante e remonta ao seu aparecimento na face da Terra. No início, com tal objetivo, ele se valia da natureza como fonte de substâncias terapêuticas.

As plantas da Mata Atlântica<sup>3</sup> que têm eficácia analisada pela ciência e que constam na farmacopeia brasileira são poucas. Mesmo que, dentre as plantas nativas de uso terapêutico muitas ainda não constem na farmacopeia nacional, estas são respaldadas pelo uso das comunidades tradicionais e estudos.

As plantas medicinais que são de interesse do SUS devem ter o registro facilitado (MONTANARI apud ALVES FILHO, 2009), o que reflete a necessidade de maior estudo pelos órgãos nacionais de pesquisa, pois é conhecido o uso de uma quantidade muito maior de plantas utilizadas nas comunidades tradicionais. Entretanto, deve-se ressaltar todo debate a respeito dos processos éticos e de repartição de benefícios junto às comunidades detentoras e fornecedoras de seus conhecimentos, como atesta uma vasta literatura a respeito (SANTILLI, 2009).

Di Stasi (1996) ressalta que o potencial de existência de novos medicamentos é proporcional ao número de espécies. Nesse contexto está embasada a relevância da conservação da biodiversidade<sup>4</sup> para manutenção e continuidade de uso terapêutico das plantas pelas comunidades locais. Primack e Rodrigues (2001) nos trazem a reflexão de que o mundo natural é uma importante fonte de novos medicamentos, sendo que vinte e cinco por cento dos medicamentos usados contêm ingredientes derivados de plantas. Por isso, utilizar as plantas medicinais existentes em cada local e pesquisar sobre elas podem solucionar problemas de saúde ainda não resolvidos.

A possibilidade de sua utilização para esse fim é em si um serviço ecossistêmico de fundamental importância para a vida humana. A Mata Atlântica é um bioma<sup>5</sup> ameaçado e com grande biodiversidade reconhecida. Seu potencial em

---

<sup>3</sup> Fabuloso e diversificado mosaico de ecossistemas, estruturas e formas vegetais. Em 1988 foi declarada como patrimônio nacional-, em alguns trechos remanescentes de floresta os níveis de biodiversidade e a riqueza de espécies endêmicas são consideradas as maiores do planeta. (TASSARA, 2008).

<sup>4</sup> Representa o conjunto de espécies animais e vegetais viventes. Termo que se refere à variedade de genótipos, espécies, populações, comunidades, ecossistemas e processos ecológicos existentes em uma determinada região. (PIZZATO, L.; PIZZATO, R., 2009).

<sup>5</sup> Amplo conjunto de ecossistemas, em vasta extensão geográfica que abarca tipos fisionômicos semelhantes de vegetação, definindo assim condições ambientais características. É a unidade

termos de reserva fitogenética deve ser conservado e valorizado pelas comunidades que a margeiam.

Ming (2006) explica que a ONU, desde 1976, tem realizado assembleias e formulado resoluções visando estimular a medicina tradicional em todos os países. E que, alarmados, os participantes do Fórum Internacional da ONU sobre Conservação de Plantas Medicinais, em 1988, declararam reconhecer a importância das plantas medicinais nos cuidados primários de saúde; preocupados também com a crescente e inaceitável perda dessas plantas medicinais pela destruição de seu habitat e práticas de coleta não-sustentáveis, pois muitas das plantas que resultam em medicamentos modernos e tradicionais estão ameaçadas.

Ainda segundo o autor, preocupado também com a “contínua erosão e perda de culturas indígenas que geralmente detêm os conhecimentos que geram a descoberta de novas plantas medicinais que podem beneficiar a comunidade global” (MING, 2006, p.23). Conforme a Convenção sobre Diversidade Biológica (BRASIL, 1994), definiu-se recomendações para proteção desses grupos populacionais e seus conhecimentos sobre as plantas de uso terapêutico.

Matos e Lorenzi (2008) recomendam que, visando diminuir o número de excluídos dos sistemas governamentais de saúde, os órgãos responsáveis pela saúde pública de cada país procedam a levantamentos regionais das plantas usadas na medicina popular tradicional e as identifiquem botanicamente, estimulando e recomendando o uso daquelas que tiverem comprovadas eficácia e segurança terapêuticas.

O argumento do presente trabalho é que as áreas verdes urbanas têm um papel fundamental na qualidade de vida humana. Estas são definidas por Matos e Queiroz (2009) como o local dentro de uma cidade com solo não impermeabilizado e com presença de vegetação, predominando a arbórea. Ainda trazem a contribuição de que as áreas verdes podem ser categorizadas como: arborização de ruas, avenidas, rotatórias, praças, parques, jardins, dentre outras.

Com vistas à conservação, Ulisses Albuquerque (2014) trata sobre a importância da presença de cobertura vegetal nativa dentro das cidades que cumprem um papel estruturante de serviços ecossistêmicos. Espaços como terrenos baldios,

---

ecológica imediatamente superior ao ecossistema, podendo ser terrestre ou aquático. (TASSARA, 2008).

encostas íngremes e jardins com poucas intervenções funcionam como remanescentes e fontes de propágulos à vegetação local e sítios de refúgio e acolhimento para animais (ALBUQUERQUE, 2014). Disponibilizar conhecimentos relativos a utilidades de plantas nestas áreas urbanas pode gerar o desejo das populações de plantar, cuidar e gerir os recursos provenientes desse espaço.

O Censo de 2010 mostrou uma população urbana no Brasil de 80% e na Bahia em mais de 60% (IBGE, 2010). Com o comportamento nos últimos anos de aumento das moradias em áreas urbanas a tendência é de maior degradação ambiental se não forem tomadas medidas de controle de corte de árvores urbanas e de replantio em locais apropriados.

## METODOLOGIA

O percurso metodológico desta pesquisa é embasado na etnobotânica, que, conforme Martin (2000), trata dos conhecimentos locais ou tradicionais a respeito das plantas. O estudo trata das plantas de uso terapêutico, também chamadas de plantas medicinais. Medicinal, segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, A. 1998), é o que serve de remédio. Etno é um prefixo muito em moda nesta época, como trata Martin (2000, p. XXV), porque é uma forma curta de dizer: “esta é a forma como os outros olham para o mundo”. Quando se utiliza antes do nome de alguma disciplina acadêmica, como por exemplo a botânica, quer dizer que os investigadores estão buscando a percepção que as populações locais têm do conhecimento cultural e científico a respeito das plantas.

O método etnobotânico contribui para que os conhecimentos das populações locais e a vegetação sejam mais bem compreendidos e conservados (MING, 2006).

A análise será do discurso coletivo, que, segundo Flick, Kardorff e Steinke (2002), os estudos analíticos do discurso combinam procedimentos analíticos da linguagem com análises de processos de conhecimento e construções sem restringirem-se aos aspectos formais das apresentações e dos processos linguísticos. Inicialmente deve-se proceder a leitura cuidadosa das transcrições, seguida pela codificação do material, sua análise e, por fim realizar os repertórios interpretativos utilizados nos textos (FLICK; KARDORFF; STEINKE, 2002).



A técnica escolhida para coleta de dados a respeito do conhecimento e circulação das plantas medicinais no bairro estudado foi a de entrevistas semiestruturadas a pessoas chave, a exemplo de cuidadores de hortas medicinais.

Segundo Oliveira, Viana Jr. e Costa (2015), o ato de entrevistar é uma relação que se constrói entre as pessoas envolvidas, com diferentes trajetórias e saberes plurais; deste modo, em diálogo, como ele assinala, entrevista é um momento no qual se encontram experiências de vida diferentes.

O tipo de entrevista semiestruturada, segundo Ulisses Albuquerque (2010), é aquela em que as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir para campo, apresentando grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo durante a entrevista. O pesquisador pode anunciar de antemão os temas e dispor de um guia para a entrevista.

Martin (2000) diz que entrevistas semiestruturadas são as quais determinam de antemão algumas perguntas e outras surgem durante o transcurso da conversação. Como relata em trecho a seguir:

Naturalmente, à medida que a discussão transcorra, surgirão novos delineamentos inquisitivos e se deixarão algumas de lado para sua discussão posterior. A inspiração para as perguntas proverá de sua relação prévia com a comunidade, incluindo a participação e a observação das atividades diárias, assim como as conversas informais centradas nos artefatos, os exemplares de plantas medicinais (MARTIN, 2000, p.86).

O roteiro da entrevista foi planejado no intuito de elencar as plantas medicinais mais utilizadas no bairro estudado pelas pessoas conhecedoras das práticas tradicionais e as maneiras como elas cuidam das hortas medicinais. Foram traçadas questões relativas ao fluxo de circulação das informações e conhecimentos associados às plantas e sobre a circulação das espécies no território.

Quanto à definição dos sujeitos da pesquisa, traz-se a visão de Ulisses Albuquerque (2010), que diz que os termos *informante principal* e *informante chave* se tratam de uma pessoa selecionada dentre todos os informantes para colaborar mais ativamente na pesquisa, sendo escolhida por critérios definidos pelo pesquisador. E a visão de Martin (2000) que diz que:

[...] a maioria dos antropólogos chama de informante a gente local que compartilha sua cultura e seu conhecimento ecológico. Em alguns países e em determinadas circunstâncias sociais esse termo é considerado depreciativo e preferem utilizar outros termos, tais como entrevistado, sujeito, participante respondente, colaborador, contraparte local. (MARTIN, 2000, p.87).

Embora o pesquisador defina quais os aspectos e critérios para escolha dos informantes de sua pesquisa, Martin (2010) sugere algumas questões úteis: não se basear somente em aspectos quantitativos da entrevista (número de plantas citadas, por exemplo), mas também nas sutilezas das informações obtidas; levar em consideração a peculiaridade ou originalidade da informação; e por fim, o pesquisador não pode se dar ao luxo de perder as informações impressas nas entrelinhas das conversas.

Por isso foram utilizados os métodos qualitativo e quantitativo em triangulação.

A metodologia qualitativa, segundo Lakatos e Marconi (2011), preocupa-se em analisar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano, com a análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento. No método quantitativo, referem que os pesquisadores se valem de amostras amplas e de informações numéricas e propõem que a técnica da triangulação pode ser utilizada com a combinação de metodologias (LAKATOS; MARCONI, 2011). Neste trabalho, a triangulação foi interpretada como o movimento no uso do método ora quantitativo ora qualitativo, de acordo com o dado a ser discutido.

Elisabeth Albuquerque (2009) trata da necessidade de se trabalhar com especialistas locais, pessoas que são reconhecidas em sua comunidade como excelentes conhecedoras das plantas e/ou animais da região. E ressalta que essa escolha metodológica implicaria no envolvimento de 100% desses informantes, para que os dados obtidos possam refletir a experiência do universo.

Em estudos com público vasto, é necessário usar técnicas de amostragem, como aborda Elisabeth Albuquerque (2009). Uma técnica de amostragem e seleção de informantes cada vez mais utilizada é a chamada “bola de neve” (“Snow Ball”). É usada para uma seleção intencional de informantes. Por exemplo, ao se explorar os sistemas locais de cura em uma comunidade, pode-se optar por trabalhar apenas com os “especialistas locais” que representam o conjunto de indivíduos legitimados e reconhecidos socialmente, como detentores de um saber em particular (ALBUQUERQUE, E., 2009, p. 20).

A partir do contato inicial da comunidade, um primeiro especialista é reconhecido, que passa a indicar outro especialista, e assim sucessivamente até envolver todos os especialistas da comunidade. Segundo Elisabeth Albuquerque

(2009), pode acontecer de um especialista não indicar outro nome, por razões diversas, cabendo ao pesquisador discernir a situação e talvez reiniciar o processo. Salienta-se que o pesquisador pode e deve adequar o método às particularidades de seu estudo.

Essa autora diz ainda que amostragem não probabilística é utilizada quando precisamos obter uma amostra cujos elementos são escolhidos de forma intencional, atendendo às características da pesquisa a ser desenvolvida (ALBUQUERQUE, E., 2009).

A técnica da “bola de neve” é uma das estratégias de seleção intencional da qual optamos por se adequar melhor aos objetivos na escolha dos especialistas locais. Na amostra intencional ou por julgamento, o pesquisador centra-se em grupos específicos baseados na sua experiência ou conhecimento do universo, segundo Ulisses Albuquerque (2010).

Foi feito um levantamento bibliográfico a respeito da temática da pesquisa sobre as ideias trazidas e por outros estudos já realizados, buscando uma visão internacional a respeito dos temas nas bases de dados: Web of Science, Cielo, BVS, Google acadêmico e Scopus.

Durante os dias 06/07/17, 08/08/17, 10/08/17, 11/08/17, 15/10/17, 20/11/17 e 10/01/18, as buscas foram feitas com os termos: etnobotânica; comunidades tradicionais; transgeracionalidade; plantas medicinais; uso terapêutico das plantas; identificação botânica; exsicata; transmissão de conhecimentos; vertical e horizontal; biodiversidade; e, frequência de espécies vegetais.

Dentre as dificuldades enfrentadas na busca, houve a diferença entre os termos populares e botânicos, que foram sanados com a identificação por meio da exsicata e comparação com bibliografia especializada.

A identificação botânica<sup>6</sup> das plantas medicinais é relevante quando se deseja realizar o estudo químico das mesmas, como relatam Matos e Lorenzi (2008), devendo ser coletadas e depositadas no herbário mais próximo, para catalogar as amostras das espécies identificadas.

---

<sup>6</sup> Para Matos e Lorenzi (2008), significa reconhecer um determinado espécime integrante de um conjunto como sendo semelhante a uma descrição existente, ou a outra planta já identificada, em publicações e coleções especializadas em taxonomia botânica.

O estudo não tratou da análise química das plantas, mas com base em recomendação técnica, foi realizada a catalogação entre os dias 17 e 21 de julho de 2017, com a coleta das amostras das plantas e depositadas no herbário da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). A coleta foi registrada em caderno de campo.

As plantas foram registradas no herbário com as iniciais do nome e sobrenome da autora da pesquisa, seguidos do número listado de cada planta. Portanto, ficaram como a Aroeira, que recebeu o código JR1 (HUESC, 2018).

**Figura 1 – Foto da estufa de armazenamento das plantas coletadas**



Fonte: Foto registrada pela autora na UESC, 2017.

Os espécimes arbóreos, de interior de floresta, foram coletados em segundo momento, dentre os quais Banatenã, Barbatimão, Amescla e João Barandim (Jaborandi) (HUESC, 2018). Os de restinga têm sua coleta apenas para uso imediato, por não serem cultivadas em seus quintais, e incluem o Garú da Praia e a Raiz-de-mangue, que foram enviados num terceiro momento.

A identificação das plantas no herbário foi feita levando-se em conta três distinções por suas características, classificando-as por: ervas, arbustos ou árvores, como recomendado por Tariq et al. (2015).

## O LOCAL DE ESTUDO

O local da área de estudo é o bairro<sup>7</sup> Nossa Senhora da Vitória, situado na zona Sul de Ilhéus, município da Costa do Cacao, no Sul do estado da Bahia, que é o mais ao Sul do Nordeste brasileiro.

As coordenadas geográficas de Ilhéus são: latitude Sul 14°47'55"; longitude de Greenwich 39°02'01". Conforme Barbosa (2013), limita-se ao Norte com os municípios de Aurelino Leal, Uruçuca e Itacaré; ao Oeste, com Itajuípe e Coaraci; ao Noroeste, com Itapitanga; ao Sul, com Una; ao Sudoeste, com Itabuna e Buerarema; e ao Leste, com o Oceano Atlântico.

A população da cidade de Ilhéus, conforme o último Censo (IBGE, 2010), foi de 184.436 pessoas e estimada em 2017 em 176.341 (IBGE, 2018). Ainda segundo o IBGE (2018), a densidade demográfica do município é de 104,67 habitantes por quilômetro quadrado. Com a área de unidade territorial (2016) de 1.584,693 Km<sup>2</sup>; a arborização de vias públicas é de 49,1%, acima do preconizado pela OMS (15%).

Barbosa (2013) relata a beleza das praias de Ilhéus e fala da origem do nome, que vem da grande quantidade de ilhas que formam seu território. É nesse local entrecortado por mar, rios e florestas que foi realizada a atual pesquisa.

Das cinco regiões de Mata Atlântica na Bahia, três situam-se ao Sul da Baía de Todos os Santos, no Corredor Central da Mata Atlântica (CCMA): Baixo Sul, Sul (também conhecida como Região Cacaueira) e Extremo Sul.

Campanili e Schaffer (2010, p. 132) descrevem a Mata Atlântica da seguinte maneira:

[...] a Mata Atlântica é composta por um conjunto de tipos de vegetação, que inclui as faixas litorâneas do Atlântico (com seus manguezais e restingas, florestas de baixada, de tabuleiro e de encosta da Serra do Mar), florestas interioranas, a floresta com araucárias, os campos de altitude e os encraves florestais no Sudeste, no Centro-Oeste e no Nordeste.

Falam ainda os autores dos tipos de vegetação existentes na Mata Atlântica da Bahia: são as florestas ombrófila densa e estacionais decidual, e semidecidual, além de áreas de tensão ecológica, formações pioneiras (manguezais e restingas), refúgios vegetacionais e savanas (CAMPANILI, SCHAFFER, 2010).

---

<sup>7</sup> Segundo Tassara (2008): são divisões territoriais de uma cidade ou povoação humana; podem ser também porções de território nas proximidades de um núcleo urbano ou em suas periferias.

Primack e Rodrigues (2001) acrescentam que a Mata Atlântica é a floresta da costa Atlântica, principalmente na altura da Bahia, que é uma área de alto endemismo. Metade de suas espécies de árvores é endêmica à área, e a região tem um número de animais raros e ameaçados, inclusive o mico-leão-dourado.

O território definido para esta pesquisa é o bairro Nossa Senhora da Vitória, que teve seu surgimento há cerca de 30 anos, em 1986, quando era conhecido como Barreira, devido à característica do solo de barro vermelho. Teve maior ocupação após a construção da ponte Lomanto Júnior, que fez a conexão entre a área sul de Ilhéus e as demais áreas da cidade e, posteriormente, com as construções de conjuntos habitacionais próximos.

Nas últimas décadas, houve um crescimento explosivo dos bairros da zona sul do município e essa expansão não foi acompanhada em sua maioria de melhorias urbanísticas e de saneamento básico. O bairro apresenta diversos problemas de infraestrutura urbana, dentre os que mais destacamos estão a invasão de áreas de proteção permanente (mangues e matas ciliares) e a falta de canalização do esgotamento sanitário.

**Figura 2 – Foto aérea do Bairro Nossa Senhora da Vitória**



Fonte: José Nazal, 2016.

**Figura 3 – Foto aérea do plano geral do bairro Nossa Senhora da Vitória**



Fonte: José Nazal, 2016.

Vê-se nas fotos aéreas das Figuras 2 e 3 como o bairro é encrustado em floresta remanescente de Mata Atlântica. Sua dinâmica de crescimento urbano nas últimas décadas sugere um aumento progressivo desse processo de perda de cobertura vegetal.

A presença de cobertura vegetal em áreas urbanas é importante, tanto para a qualidade de vida humana como para a condição de existência de espécies que consigam se adaptar ao ambiente urbano. Na Figura 3 pode-se ver ainda remanescentes de espaços com áreas verdes espalhadas dentro do bairro em estudo. Até o momento, não foi realizado pela Prefeitura o levantamento por georreferenciamento do percentual de cobertura vegetal por bairro no município.

Esses fragmentos vegetais na área urbana são locais propícios para o crescimento e desenvolvimento de espécies de interesse humano, a exemplo das plantas de uso terapêutico.

Não trabalhamos diretamente com povos indígenas nesta pesquisa, mas percebemos em muitos momentos, quando em contato com a comunidade estudada, que ainda há uma forte relação destes com a aldeia indígena próxima ao bairro. Por isso, essas pessoas com conhecimento das plantas medicinais locais têm grande

potencial para a manutenção dos saberes relacionados à floresta próxima e seus usos terapêuticos.

No bairro Nossa Senhora da Vitória existe do lado Oeste um margeamento de florestas ameaçadas e, do lado Leste o mar das praias do Sul com mangues e restingas. Na rua principal, chamada Rua da Matriz, encontram-se localizadas as casas com melhor acabamento e esta é pavimentada com calçamento de pedras. Nela encontram-se os principais serviços comerciais e serviços públicos como escola, posto de saúde e módulo policial. Nas áreas que margeiam os morros, as casas apresentam estruturas mais precárias e as ruas próximas não possuem pavimentação.

A grande maioria das residências não possui rede de canalização de esgoto, e quando elas têm são direcionadas para fossas sépticas ou para os córregos mais próximos, segundo informações colhidas dos moradores e dos membros da equipe de saúde da família. Quando chove, as águas possivelmente contaminadas escoam para os dois córregos que cortam as ruas laterais e desses, por sua vez, fluem para o rio Santana, desaguam no rio Cachoeira e, por fim, este no mar.

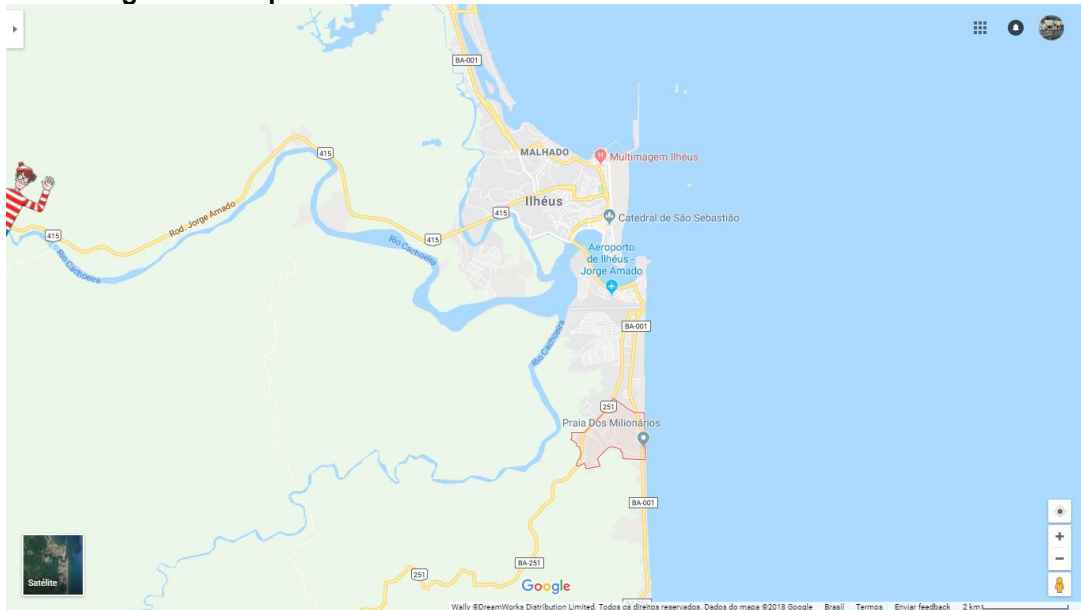
Ao final desta pesquisa, em junho de 2017, foram iniciadas as obras para canalização de 100% do sistema de esgotamento sanitário do bairro, obra promovida pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA), que está em andamento neste momento. Fato que minora os riscos de contaminação dos alimentos e plantas produzidas no solo da área.

No bairro, como no restante do município, existe coleta de lixo regular. O lixo é enviado pela administração pública municipal ao aterro sanitário do Itariri. Existe um galpão de separação de resíduos sólidos recicláveis, de iniciativa da Cooperativa de Catadores Consciência Limpa (COOLIMPA) no Bairro, que recebe as coletas realizadas por todos os catadores da cidade cooperados.

Na Figura 4 abaixo, observa-se a localização do Bairro em estudo, ao sul do centro de fundação da cidade de Ilhéus. Observa-se ainda sua situação entre floresta de um lado e mar do outro.



**Figura 4 – Mapa de Ilhéus e recorte do bairro Nossa Senhora da Vitória**

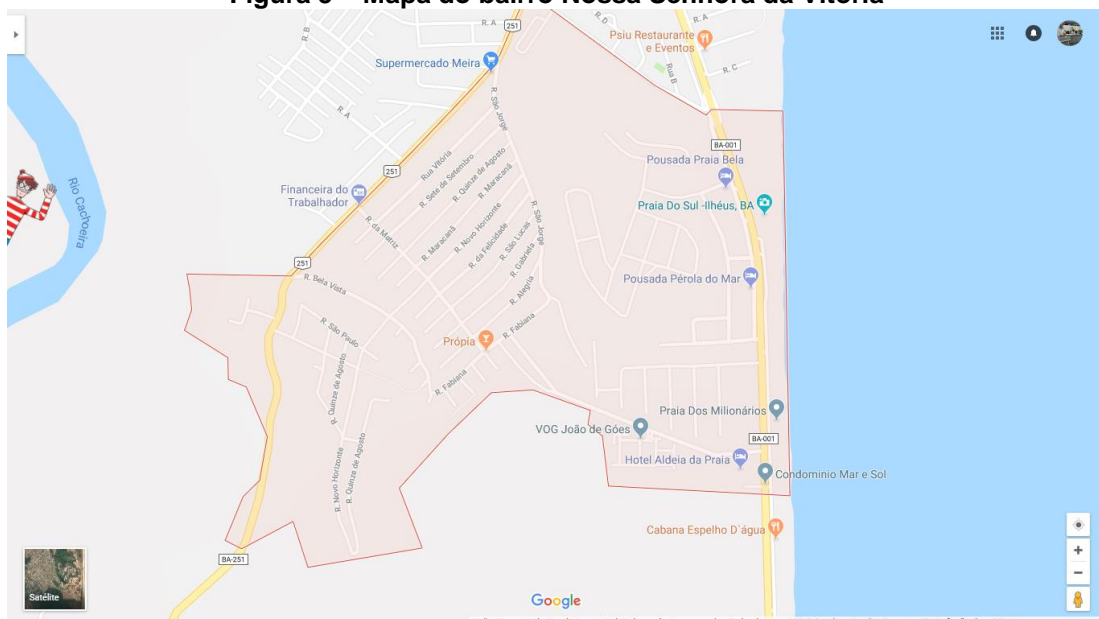


Fonte: Google Maps, 2018.

Área do bairro Nossa Senhora da Vitória em vermelho registrada pela autora.

Na Figura 5, mais aproximada e já sem mostrar as demais áreas da cidade, observa-se como o Bairro se estende entre as duas estradas intermunicipais, BA-251 (trecho Ilhéus/Buerarema) e BA-001 (trecho Ilhéus/Una). Toda a área entre as rodovias no bairro sofreu expansão da ocupação humana e com a característica de invasões, gerando um déficit de urbanização.

**Figura 5 – Mapa do bairro Nossa Senhora da Vitória**



Fonte: Google Maps, 2018.

Destaque do Bairro Nossa Senhora da Vitória em vermelho, registrado pela autora.

A ocupação irregular das casas em áreas de risco e de proteção ambiental, a exemplo de mangues e matas ciliares, é corriqueira no Bairro. No quesito segurança, aparece frequentemente nos noticiários com casos de violência e assassinatos decorrentes principalmente do tráfico de drogas, apesar da circulação maciça de policiais, visível nas caminhadas pelo bairro.

Na atenção à saúde<sup>8</sup>, o bairro possui uma unidade que contempla três equipes de Saúde da Família, com serviços básicos e Estratégia de Saúde da Família (ESF), caracterizada pela maior aproximação dos membros das equipes especializadas com a população por meio de visitas domiciliares e presença do profissional Agente Comunitário de Saúde (ACS) e demais membros constantes.

Observa-se na Figura 6 a territorialização da equipe I, com figuras à direita representadas por pequenas árvores verdes, simbolizando os locais de floresta, e em marrom, os córregos de água citados anteriormente. Córregos que estão no momento contaminados, levando ao risco de ocorrência de doenças por veiculação hídrica.

**Figura 6 – Foto do mapa do bairro sob a perspectiva da equipe de saúde.**



Fonte: Foto registrada pela autora na Unidade de Saúde do bairro, 2017.  
Mapa confeccionado pela equipe da ESF I.

<sup>8</sup> Condição de equilíbrio e harmonia de todas as funções orgânicas, podendo ser definida como: “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 1979, p. 2).

Segundo Azevedo (2012), a relação equilibrada entre o ser humano e a natureza é o princípio básico de manutenção da saúde, por isso o estado natural do ser humano deveria ser o de equilíbrio e saúde. Como trata Azevedo (2012), saúde num conceito amplo, está ligada a estilos e condições de vida saudáveis que incluem determinantes socioambientais.

## OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

A população estimada do bairro definido para a pesquisa gira em torno de 8 mil pessoas. Porém, os detentores do conhecimento acerca das plantas utilizadas no bairro, denominados aqui como especialistas locais, foram identificados levando em consideração os critérios de possuir quintal medicinal, saber cultivar plantas com fins terapêuticos e ter conhecimento reconhecido sobre as mesmas.

Os critérios que foram definidos para a escolha dos especialistas locais nesta pesquisa levaram em consideração o conhecimento reconhecido e a indicação entre eles mesmos, partindo de um especialista-chave, cuja primeira identificação foi Dona Joana.

Dona Joana é proprietária do maior quintal de plantas medicinais do bairro e é também a líder da pastoral de saúde local. Essa especialista-chave indicou três especialistas locais. Esses três especialistas subsequentes indicaram mais três.

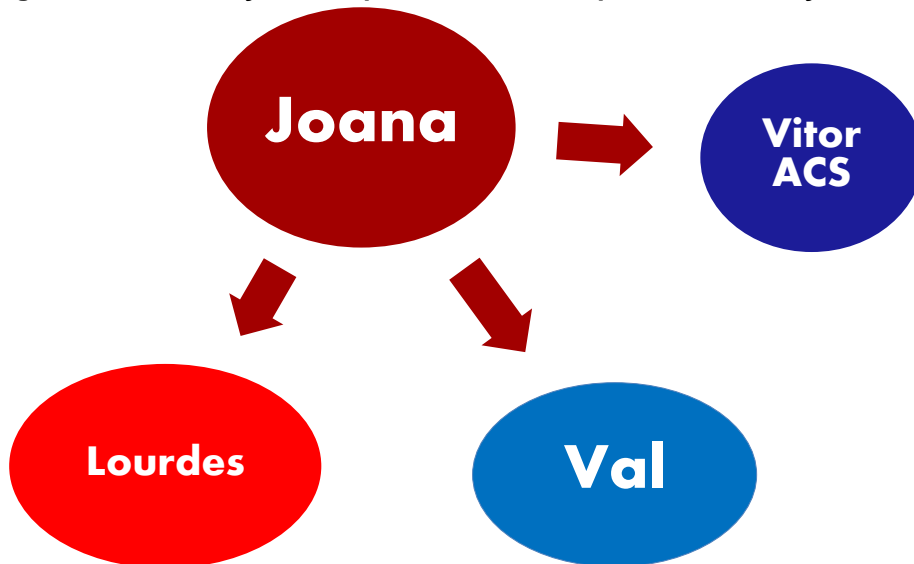
O grupo de agentes comunitários de saúde também foi referenciado nas conversas como parceiro nas atividades e especialistas em plantas medicinais, sendo parte do quadro de estrutura oficial de saúde. Apesar de não terem quintais, detêm conhecimento sobre as plantas terapêuticas do bairro.

Foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas com esses especialistas pré-identificados, por escolha no tipo metodológico “bola de neve”.

O fluxo de indicações da bola de neve foi dividido em três fases para facilitar o entendimento. O início do processo se deu com a identificação da pessoa compreendida como a especialista chave. Joana foi referida pelos membros do grupo como a principal chave desse processo e ela ajudou na sinalização de outros especialistas locais. Nas Figuras 7 e 8 observa-se o fluxo de indicações da bola de

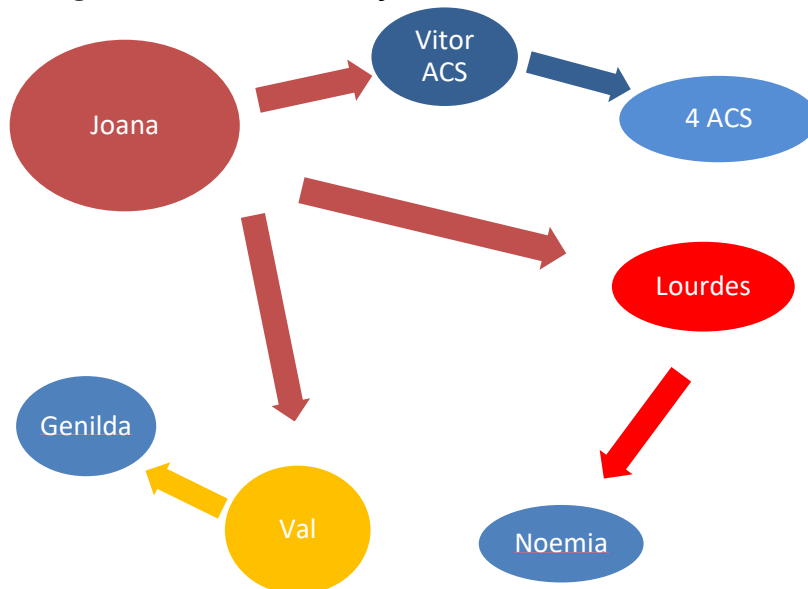
neve. As setas correspondem às indicações de quem partiu e para onde a seta se dirige será a pessoa que foi indicada.

**Figura 7 – Identificação da especialista chave e primeiras indicações – Fase 1.**



Fonte: Elaborado pela autora com os dados da pesquisa.

**Figura 8 – Fluxo de indicações da bola de neve – Fase 2.**

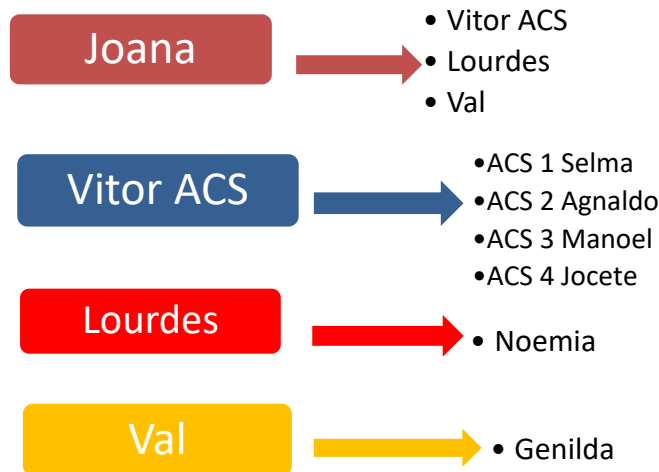


Fonte: Elaborado pela autora com os dados da pesquisa.

A Figura 8 mostra a segunda fase da bola de neve. As setas direcionais têm as cores representantes de quem faz a indicação. São quatro cores para diferenciar as especialistas que fizeram a indicação e finaliza nos quatro ACS, em Genilda e em

Noemia, que são representados pela cor azul claro; todos com a mesma cor sinalizando que as indicações encerraram neles. A partir desses especialistas, não ocorreram mais indicações.

**Figura 9 – Fluxo de indicações da bola de neve.**



Fonte: Elaborado pela autora com os dados da pesquisa.

Como se vê na Figura 9, Joana indicou Lourdes, Val e Vitor (ACS) e este indicou os quatro demais agentes. Lourdes indicou Noemia. E, por final, Val indicou Genilda, totalizando 10 especialistas locais entrevistadas, quando acabaram as indicações, por não haver mais outras especialistas conhecidas.

A primeira entrevista foi feita com morador de bairro vizinho, dono de horta com plantas medicinais. Essa foi a entrevista piloto, por meio da qual foi possível corrigir alguns pontos para melhor entendimento dos enunciados e para dar fluência à análise.

Feitas as correções da entrevista piloto, partiu-se para a execução das entrevistas com os especialistas locais identificados para a presente pesquisa. Para tanto, foram entregues previamente e assinados Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cada respondente.

As interlocuções em áudio foram registradas por meio de aparelho celular Iphone 5 e transcritas para arquivos do Office Word e Excel.

O Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN) é um sistema eletrônico criado pelo Decreto nº 8.772, de 11 de maio de 2016, que regulamenta a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, como um instrumento para auxiliar o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético

(CGEN) na gestão do patrimônio genético e do conhecimento tradicional associado, conforme o Manual do Usuário - SisGen (BRASIL, 2017).

Atualmente o CGEN é que respalda a pesquisa ligada ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais associados. O registro junto a ele não tem sido possível por motivos operacionais ligados ao provedor na internet onde o sistema é disponibilizado. Foram realizadas diversas tentativas de inscrição entre maio e dezembro de 2016 e, posteriormente, uma tentativa por mês até o momento da defesa deste trabalho na plataforma digital, cuja ficha de cadastro não abre.

Foram enviadas mensagens por correio eletrônico informando ao Órgão responsável sobre a pesquisa e da impossibilidade em fazer o pedido de apreciação. Por se tratar do conhecimento tradicional associado, vê-se como necessária a inscrição junto ao Órgão. O sistema de gerenciamento do mesmo estava em fase de implantação e a previsão no site era de que seria disponibilizado a partir de novembro de 2017, no entanto, em março de 2018 ainda não estava disponível.

Essa dificuldade tem sido relatada por outros pesquisadores. Infelizmente tem sido impossível realizar esse registro; então, mesmo sem, foi decidido seguir em frente com a pesquisa, pois as intenções de conservação da biodiversidade e valorização do bioma da Mata Atlântica é aspiração primordial.

Quanto ao período de realização das entrevistas, conforme cronograma planejado, estas ocorreram de 23 de janeiro a 21 de março de 2017, totalizando cerca de 2 meses.

**Tabela 1 – Tempo de duração das entrevistas em áudio**

<b>Especialistas locais</b>	<b>Tempo de duração</b>	<b>Data da entrevista</b>
Joana	02:08	23/01/2017
Lourdes	02:12	27/01/2017
Noemia	01:02	21/03/2017
Valquiria	00:39	23/01/2017
Genilda	01:15	07/02/2017
ACS 1 Selma	00:28	07/02/2017
ACS 2 Jocete	00:32	06/02/2017
ACS 3 Vitor	00:41	06/02/2017
ACS 4 Agnaldo	00:39	07/02/2017
ACS 5 Manoel	00:25	07/02/2017
<b>Média</b>	<b>01:10</b>	<b>2 meses</b>

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

As entrevistas tiveram um tempo de duração que variou de 25 minutos com o ACS Manoel a 2 horas e 12 minutos com Lourdes. A média do tempo calculada entre os 10 entrevistados foi de 1 hora e 10 minutos, sendo que os que tiveram maior tempo de duração foram aqueles que possuem horta. Das pessoas que não possuem quintal com horta medicinal, mas que também tiveram tempo maior destacam-se Genilda e Valquíria, com muitas contribuições quanto ao conhecimento sobre os usos das plantas.

Na maior parte da pesquisa os entrevistados foram identificados por código alfanumérico, visto que as respostas podem levar à identificação do respondente e não se desejou medir conhecimentos, mas sim fortalecer o saber local. Houve ainda a solicitação de alguns especialistas em não os identificar nos momentos em que tratam dos conhecimentos, pela possibilidade de expor visões religiosas em algumas práticas, como as plantas de uso mágico. Apenas foi preciso utilizar os nomes anteriormente para facilitar a compreensão na descrição da bola de neve.

Por conta do respeito à privacidade garantida na pesquisa, na identificação das pessoas envolvidas nas entrevistas utilizou-se a abreviação E, que corresponde a “Entrevistado”, seguida do número pela ordem em que foram abordados, de 1 a 10, mantendo a necessária preservação da identidade dos participantes, conforme alguns declararam desejar.

**Tabela 2 – Perfil dos entrevistados**

<b>Entrevistados</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
E 1	Ensino Médio completo	F	Entre 40 e 45
E 2	Ensino Médio completo	M	Entre 55 e 60
E 3	Ensino Superior completo	F	Entre 40 e 45
E 4	Ensino Médio completo	F	Entre 50 e 55
E 5	Ensino Médio completo	M	Entre 55 e 60
E 6	Ensino Fundamental incompleto	F	Entre 60 e 65
E 7	Ensino Fundamental completo	F	Entre 60 e 65
E 8	Ensino Fundamental incompleto	F	Entre 55 e 60
E 9	Ensino Médio completo	F	Entre 50 e 55
E 10	Ensino Médio completo	M	Entre 30 e 35
<b>Total</b>	1 – Ensino Superior completo 6 – Ensino Médio completo 1 – Ensino Fundamental completo 2 – Ensino Fundamental incompleto	70% F 30% M	2 entre 40 e 45 2 Entre 50 e 55 3 Entre 55 e 60 3 Entre 60 e 65

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Os especialistas entrevistados têm escolaridades que variam desde o primeiro grau incompleto até o superior completo, sendo que 60% têm segundo grau completo. A predominância é do gênero feminino (70%). As idades variam de 31 a 65 anos e a maioria tem entre os 50 e 60 anos.

A faixa etária dos especialistas locais, como esperado, é de acima de 40 anos, sendo predominantemente entre 50 e 60 anos. A experiência vem com o acúmulo de anos vividos, prevalecendo o fluxo intergeracional. Discussão que será aprofundada no capítulo 2.

Esta pesquisa foi dividida em um bloco maior inicial, finalizado neste momento, e mais dois capítulos, onde serão discutidos e analisados os dados coletados. Os capítulos estão organizados em formato de artigos.



# 1 PLANTAS MEDICINAIS: RIQUEZA E DISTRIBUIÇÃO

## 1.1 INTRODUÇÃO

Ulisses Albuquerque (2014) argumenta que pesquisas etnobotânicas indicam que as diferentes formas de manipulação antropogênica dos recursos vegetais podem contribuir para o aumento da diversidade genética. A diversidade biológica não é simplesmente um conceito pertencente ao mundo natural; é também uma construção cultural e social, visto que as espécies são objetos de conhecimento, de domesticação e uso, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas (DIEGUES, 1999).

A descrição de uma comunidade biológica pode ser realizada a partir da composição taxonômica das espécies que a compõem, produzindo uma lista de espécies. Outra forma de descrever uma comunidade é a partir do número de espécies que coexistem dentro da comunidade, conceito conhecido como riqueza de espécies (PERONI; HERNÁNDEZ, 2011).

Conforme Martin (2000), frequência significa o número de quadrantes em que se encontra uma determinada espécie com relação ao número total de quadrantes examinados. O presente estudo não avaliou a dispersão das plantas no território, mas sua presença no repertório de conhecimento dos especialistas locais.

Este capítulo aborda sobre os conhecimentos dos especialistas locais a respeito das plantas de uso terapêutico do bairro Nossa Senhora da Vitória, em Ilhéus, Bahia. Para tanto, foi escolhido como método de estudo a etnobotânica, visto que esta ocupa uma posição privilegiada, devido ao seu potencial de integrar conhecimentos locais e globais, conectar conhecimentos tradicionais e sociais da experiência humana relacionados às plantas no ambiente, conceito defendido por Ulisses Albuquerque (2010) e aqui entendido como característico do presente trabalho de pesquisa.

As plantas medicinais são um tipo de serviço ecossistêmico que pode ser alçado como alvo de ações para educação ambiental visando sua conservação e valorização do bioma originário. Propõe-se, pois, como **objetivos** deste capítulo e artigo **identificar quais são as plantas medicinais mais utilizadas e caracterizar aquelas de Mata Atlântica no bairro em estudo.**

## 1.2 ANÁLISE E RESULTADOS

A partir das entrevistas é possível ver quais plantas foram citadas como sendo as de maior relevância utilizadas ou recomendadas pelos especialistas locais. Conforme trata Flick, Kardorff e Steinke (2002), os processos analíticos do discurso referem-se não apenas às conversas cotidianas, mas também a outros tipos de dados, como entrevistas e até reportagens nos meios de comunicação.

As plantas mais citadas foram separadas na Tabela 3 e, em seguida, distribuídas as citações por especialistas entrevistados.

As plantas em estudo mais citadas pelos especialistas locais foram: a Erva-doce, com 80%, o Hortelã miúdo juntamente com o Capim-santo, citados por 70% dos entrevistados. Em seguida, a Aroeira, com 50% das citações. Com 40% das citações destacaram-se a Pitanga e a Cidreira de folha. Seguem com 30% de citações a Amora, Boldo e Amescla.

**Tabela 3 – Frequência das plantas medicinais mais citadas**

	Aroeira	Erva-doce	Capim-santo	Amora	Hortelã miúdo	Boldo	Cidreira de folha	Amescla	Pitanga
E 1	01	01	01	---	01	01	---	01	01
E 2	01	01	01	---	01	01	---	01	01
E 3	01	01	01	01	---	---	01	---	01
E 4	01	---	---	01	01	01	01	---	---
E 5	01	01	01	01	01	01	01	01	---
E 6	---	---	---	---	---	---	---	---	---
E 7	00	01	01	---	---	---	---	---	---
E 8	---	---	---	---	01	---	---	---	01
E 9	---	01	01	---	01	01	01	---	---
E 10	---	01	01	---	---	---	---	---	---
Total	05	08	07	03	06	03	03	03	04
	50%	80%	70%	30%	70%	30%	40%	30%	40%

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Legenda: Frequência de citações; Não: ---, Sim: 01.

Com 20% das citações, não devendo ser interpretado como com menor importância, seguem: Quioiô, Babosa, Favaca-de-galinha, Romã, Alumã, Artemijo, Confrei, Canudinho, Hortelã grosso, Barbatimão, João Barandim, Maracujá e Siriguela.

Com 10%, ou que foram citados uma única vez por diferentes especialistas locais, são os seguintes: Banatenã, Casca de raiz-de-mangue (Olandi), Canudinho, Capim D'Aruanda, Água de Alevante, Jurubeba, Mastruz, Melão de São Caetano, Arrozinho, Alfazema, Algodão, Trançagem, Folha de Guiné, Mastruz, Chuchu,

Alecrim, Pata-de-vaca da flor branca, Fedegoso, Tetrex (Terramicina), Melissa, Anador, Garú da praia, Quebra-pedra, Pião-roxo, Arruda e Sabugueiro.

Embora tenham sido pouco citadas, essas últimas plantas medicinais têm relevância por fazer parte da teia de conhecimentos do sistema local de cura, fechando as lacunas e ocupando as funções para os usos nos momentos em que a sazonalidade interfere na obtenção do recurso, se ocorrer escassez ou falta da planta.

Segundo Empeaire, Eloy e Seixas (2016, p. 166), a análise se fundamenta no postulado de que a presença de um único indivíduo de uma determinada planta cultivada é reveladora do esforço de conservação da agrobiodiversidade realizado:

Sua presença potencializa a conservação do recurso nas escalas individual ou coletiva mediante a circulação de mudas ou sementes, isso independentemente de outras variáveis atreladas à planta, como sua distribuição espacial, sua temporalidade (anual, pluriannual ou perene) ou sua abundância (números de indivíduos).

A seguir, apresenta-se a biodiversidade das plantas mais recomendadas e utilizadas pelos especialistas em plantas medicinais do bairro em estudo. É importante salientar que não foi solicitada a listagem de todas as plantas que eles conhecem ou possuem, visto que isso será proposto para a comunidade realizar em parceria com a gestão municipal para posterior implantação do programa de Farmácias Vivas.

Foi solicitada a citação das mais relevantes sob o ponto de vista de cada um deles para elucidar e responder as questões dos objetivos da pesquisa. Responder quais são as plantas medicinais mais utilizadas pela comunidade e qual o comportamento da circulação dos conhecimentos e cuidados que lhes são referentes.

Ao todo, os especialistas locais fizeram a citação de 48 plantas, por meio das quais se traduz a abundância de parte do universo de plantas com uso medicinal no bairro.

As plantas medicinais não cultivadas são as que nascem ou crescem espontaneamente no território, segundo os entrevistados na pesquisa; são na maior parte das citações do grupo das plantas pertencentes ao bioma local. As não cultivadas não representam a maioria, mas são, ainda assim, muito representativas no uso medicinal junto ao grupo pesquisado com 41,6% (20 de um total 48 plantas).

As plantas consideradas cultivadas pelos representantes da comunidade pesquisada são em geral aquelas já adaptadas aos sistemas de cultivo, como quintais e terrenos, isto é, plantas que não são necessariamente originárias do bioma local e que requerem um esforço maior no cultivo.

Tabela 4 – Biodiversidade local das plantas medicinais e tipo de cultivo ou aquisição

	Planta: nomes populares e científicos	Citações	Não-cultivada	Cultivada	Comprada
01	Água de Alevante/ <i>Mentha gentilis</i> L.	01	01	---	---
02	Alecrim/ <i>Rosmarinus officinalis</i>	01	---	01	---
03	Alfazema/ <i>Lavandula angustifolia</i>	01	---	01	---
04	Algodão/ <i>Gossypium barbadense</i> L.	01	---	01	---
05	Alumã/ <i>Vernonia condensata</i>	02	---	02	---
06	Amescla/ <i>Protium heptaphyllum</i>	03	03	---	---
07	Amora/ <i>Morus nigra</i>	03	---	03	---
08	Anador/ <i>Justicia pectoralis</i>	01	01	---	---
09	Aroeira/ <i>Schinus terebinthifolius</i>	05	05	---	---
10	Arroizinho/ <i>Zornia latifolia</i>	01	---	01	---
11	Arruda/ <i>Ruta graveolens</i> L.	01	---	01	---
12	Artemijo/ <i>Artemisia vulgaris</i>	02	---	02	---
13	Babosa/ <i>Aloe vera</i>	02	---	02	---
14	Banatenã/ <i>Stryphnodendron</i>	01	01	---	---
15	Barbatimão/ <i>Stryphnodendron</i>	02	02	---	---
16	Boldo/ <i>Peumus boldus</i>	03	01	02	---
17	Cajueiro/ <i>Anacardium occidentale</i> L.	01	01	---	---
18	Canudinho/ <i>Hyptis pectinata</i>	02	---	02	---
19	Capim D'Aruanda/ <i>Sorghum halepense</i>	01	01	---	---
20	Capim-santo/ <i>Cymbopogon citratus</i>	07	03	04	---
21	Casca de mangue/ Olandi/ <i>Laguncularia racenosa</i>	01	01	---	---
22	Chuchu/ <i>Sechium edule</i>	01	---	---	01
23	Cidreira de folha/ <i>Lippia alba</i>	04	04	---	---
24	Confrei/ <i>Symphytum officinale</i>	02	---	02	02
25	Erva-doce/ <i>Foeniculum vulgare</i>	08	---	08	---
26	Favaca-de-galinha/ <i>Ocimum sp.</i>	02	---	02	---
27	Fedegoso/ <i>Senna occidentalis</i>	01	---	01	---
28	Folha de Guiné/ <i>Petiveria tetrandra</i>	01	---	01	---
29	Garú da praia/ cf. (a confirmar)	01	01	---	---
30	Hortelã grosso/ <i>Mentha sp 1</i>	02	---	02	---
31	Hortelã miúdo/ <i>Mentha sp 2</i>	06	---	06	---
32	João Barandim/ Jaborandi/ <i>Pilocarpus</i>	02	02	---	---
33	Jurubeba/ <i>Solanum paniculatum</i> L.	01	---	01	---
34	Manjeriçã/ <i>Ocimum basilicum</i> L.	02	---	02	---
35	Maracujá/ <i>Passiflora edulis</i>	02	---	01	01
36	Mastruz/ <i>Chenopodium ambrosioides</i>	02	02	---	---
37	Melão de São Caetano/ <i>Momordica charantia</i>	01	---	01	---
38	Melissa/ <i>Lippia</i>	01	---	01	---
39	Pata-de-vaca/ <i>Bauhinia forficata</i>	01	01	---	---
40	Pião-roxo/ <i>Jatropha gossypifolia</i>	01	01	---	---
41	Pitanga/ <i>Eugenia uniflora</i> L.	04	04	---	---
42	Quebra-pedra/ <i>Phyllanthus niruri</i>	01	01	---	---
43	Quioiô/ <i>Ocimum</i>	02	---	02	---
44	Romã/ <i>Punica granatum</i>	02	---	02	---
45	Sabugueiro/ <i>Sambucus nigra</i>	01	---	01	---
46	Siriguela/ <i>Spondias purpurea</i>	02	---	02	---
47	Tetrex/ <i>Eclipta prostrata</i>	01	01	---	---
48	Trançagem/ <i>Plantago major</i> L.	01	01	---	---
	<b>Total</b>	96	38	57	04

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Somente para o Capim-santo houve divergência entre os especialistas: entre as 7 citações, 3 disseram que não é cultivado e 4 afirmaram ser cultivado. Todas as outras plantas citadas seguiram a convergência entre os especialistas, em se tratando de serem ou não cultivadas. Vale salientar que essa é a visão dos especialistas locais.

O Confrei, que foi citado por dois especialistas, é considerado por eles como cultivado e difícil de manter; frequentemente tem que ser comprado, por isso está nas duas classificações, sendo cultivado e comprado. Ambos os especialistas concordam com a informação, pois eles têm dificuldade de cultivar o Confrei.

### **1.2.1 Plantas medicinais não cultivadas**

Foram identificadas 20 plantas medicinais consideradas como de surgimento espontâneo ou não cultivadas no bairro estudado, dentre as mais utilizadas. Destas 20 espontâneas, discutir-se-á aqui com mais atenção os sete espécimes que se acredita necessitar de melhor estudo. Bem manejadas, eles têm potencial para se desenvolver melhor no território por serem bem adaptadas ao local, segundo os especialistas.

As árvores de grande porte que, conforme os interlocutores não se desenvolvem bem em ambiente urbano e são buscadas diretamente nas florestas remanescentes próximas, não foram detalhadas nesse momento. Dentre as não cultivadas, foram escolhidas as espécies que se desenvolvem nos quintais, áreas de passagem e capoeiras.

Matos e Queiroz (2009) dizem que, embora em algumas regiões, como ocorre no Nordeste, os nomes vulgares sejam relativamente constantes e mereçam certo grau de confiança, de modo geral, há grande variação de região para região e, às vezes, até mesmo de um município para outro próximo.

Por ter uma grande extensão territorial, segundo Matos e Queiroz (2009), o estudo das plantas medicinais no Brasil deve ser feito setorialmente nas diversas regiões dos estados, e até mesmo entre as microrregiões, devido à variação linguística e à variabilidade genética das florestas brasileiras, em especial a Mata Atlântica.

Além disso, é comum encontrar-se o mesmo nome vulgar assinalado para diferentes espécies vegetais, com diferentes nomes comuns dados a uma mesma

espécie botânica, segundo Matos e Lorenzi (2008, p.63), que relatam a seguir as denominações populares encontradas no país para a aroeira, por exemplo:

[...] aguaraíba, aroeira-branca, aroeira-da-praia, aroeira-do-brejo, aroeira-do-campo, aroeira-do-paraná, aroeira-mansa, aroeira-negra, aroeira-pimenteira, aroeira-precoce, aroeira-vermelha, bálsamo, cabuí, cambuí, coração-de-bugre, corneíba, fruto-de-raposa, fruto-de-sabiá.

Os frutos da Aroeira, pequenos e vermelhos, chamados na localidade estudada de pimenta rosa, são utilizados ainda como tempero em uso alimentício. Embora este detalhe não tenha sido relatado nas entrevistas, ele foi descrito em momentos de conversas informais.

As pessoas da região conhecedoras da Aroeira dizem que, para fins medicinais, deve-se usar as que são plantadas nos quintais, ou seja, no fundo da casa. As da frente da casa, como outras plantas com valor mágico (Pinhão-roxo, Espada de São Jorge, Arruda, entre outras), por estarem defendendo a família moradora de efeitos maléficos, perdem efeito medicinal e não devem ser utilizadas para esse fim.

Fez-se a descrição das plantas medicinais não cultivadas e de possível plantio em áreas próximas das moradias seguindo a escolha pelo segundo critério de estarem dentro do território urbano no bairro e não na floresta, praia, restinga ou manguezal. Relacionamos a seguir a plantas escolhidas a partir dessa representante da Mata Atlântica que nos foi bastante marcante.

#### 1.2.1.1 Aroeira

A aroeira é muito utilizada na região Sul da Bahia. Comumente usada para banhos, por seu efeito cicatrizante. Na forma de chá é comumente indicada para afecções do estômago. É também um dos componentes para a produção do sabão contra escabiose (popularmente conhecida por sarna), produto que é confeccionado nas oficinas da unidade de saúde local.

Conforme Sambuichi, Mielke e Pereira (2009), a Aroeira (*Schinus terebinthifolius*), é uma árvore com altura entre 5 e 20 metros, casca áspera internamente com cor avermelhada e exsudação, folhas aromáticas, flores pequenas de cor clara, frutos maduros vermelhos e esféricos. Eles relatam que sua ocorrência vai desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul, seus frutos servem de alimento e sua casca tem propriedades medicinais.

Matos e Lorenzi (2008) trazem mais informações sobre a Aroeira: que em estudos etnobotânicos é feito o uso da casca, com base na tradição popular, na forma de decocto (por cozimento) e são especialmente utilizadas pelas mulheres no período pós-parto em banhos de assento por vários dias, como anti-inflamatório e cicatrizante. As folhas e frutos são utilizados adicionados à água para lavagem da pele e ferimentos, embora esse efeito ainda não tenha sido comprovado cientificamente (MATOS; LORENZI, 2008).

Quanto ao uso, ela é referida pelos entrevistados como de utilidade no tratamento de problemas de pele em 50% e problemas de estômago em 20%.

Di Stasi (1992) e Lima (2002) relatam que é comum encontrá-la no interior na Mata Atlântica e traz a contribuição de que, no Vale do Ribeira, o macerado das folhas em aguardente é usado externamente como cicatrizante, analgésico e contra coceiras; a infusão das folhas é usada internamente contra reumatismo e a mastigação das folhas frescas como cicatrizante e contra gengivites.

É uma árvore nativa da Mata Atlântica muito presente na cultura local. Nas entrevistas vê-se como ela é marcante, sendo citada por 50% dos especialistas, os quais descrevem-na como árvore grande, que pode ocorrer em quintal, capoeira e floresta.

Sob a análise do discurso do sujeito coletivo, sobre o plantio e cuidados no cultivo da Aroeira nos quintais, as seguintes observações foram obtidas dos entrevistados:

E 1: Ela já estava plantada, o cuidado é não descascar muito, pra não matar a árvore na coleta da casca.

E 2: Por aqui por perto mesmo tem, peguei as frutinhas numa árvore onde passei, plantei no chão do quintal e vingou bem.

E 3: A minha nasceu sozinha, joguei a semente, sem nada, sem cuidado nenhum ela nasce.

E 5: Tem uma vizinha mais perto que tem, é muito comum por aqui e nasce fácil, com a semente vermelha.

E 10: Já estava plantada, e os cuidados são colher de manhã mais cedo ou no final da tarde.

Podendo-se extrair as seguintes orientações: a Aroeira nasce por meio da semente ou fruta, sem nenhum cuidado especial, ou já estava plantada. Ela é muito comum na região do estudo. Quanto à coleta, cuidados para não descascar muito e matar a árvore, sendo melhor os horários pela manhã mais cedo ou no final da tarde.

### 1.2.1.2 Cidreira de folha

É, segundo Francisco Matos (2002), um arbusto aromático comum nos países tropicais, com até um metro e meio de altura, raramente dois metros, de ramos finos, esbranquiçados, arqueados e quebradiços, facilmente cultivados por estaquia. Conhecida como Falsa Melissa, espécie *Lippia alba*, família *Verbenaceae*.

É um dos tipos de Cidreira do Nordeste, diferindo das demais por possuir um odor forte, adocicado e um pouco alimonado (MATOS, 2002).

Di Stasi e Lima (2002) mencionam que na região amazônica o chá das folhas é utilizado como calmante, relaxante e contra intoxicações gerais, além de problemas de estômago. Já na região do Vale do Ribeira, relatam que é utilizado como calmante e contra hipertensão, cólica do estômago, náuseas, tosses e gripes.

Segundo os especialistas locais na atual pesquisa, trata-se de uma planta não cultivada, que pode ser encontrada no território em todos os ambientes em locais abertos, exceto em vasos, pois gosta de crescer no chão. Os quatro especialistas entrevistados que a citaram a consideram de surgimento espontâneo ou não cultivado e a nomeiam também de Cidreira de folha. Citada por 40% dos mesmos, os usos na comunidade são para dor de estômago (04) e calmante (03).

Sob a análise do discurso do sujeito coletivo, os cuidados referentes à Erva-cidreira, conforme os especialistas locais do bairro estudado são:

E 1: Se tiver muita diarreia não pode tomar, porque ela solta mais.

E 3: Nenhum cuidado especial e ela tanto pode ser cultivada como do mato.

E 6: Não sei nenhum cuidado especial.

E 10: Cuidado é de colher de manhã mais cedo ou no final da tarde em horários de sol mais fraco e ela é cultivada, porque eu que plantei a muda e é uma árvore pequena.

Com base nesses dados, pode-se extrair as seguintes orientações: quanto ao cultivo, nenhum cuidado especial é exigido. Ela deve ser colhida nos horários de sol mais fraco; contraindicada em caso de diarreia.

### 1.2.1.3 Tetrex

Anteriormente conhecida por Terramicina, segundo E 10. Conforme Francisco Matos (2002), trata-se da *Eclipta prostrata*, *Compositae* (Agridão do brejo), que é uma espécie cosmopolita tropical, espontânea em ambientes úmidos de todo o Brasil, inclusive no Nordeste, onde se apresenta como erva silvestre, ereta, de ramos finos, lenhosos, articulados, com flores em capítulos cônicos de bordos esbranquiçados.



É um curioso exemplo de planta, que recebe das comunidades um nome de medicamento comercial que está em voga, popularmente batizada com um antibiótico de uso expressivo. Nesse caso, ele é comparado ao antibiótico Tetrex atualmente, mas já foi conhecido como Terramicina.

Segundo Matos (2002), é considerada imunoestimulante e hepatoprotetora, utilizada na forma de chá por cozimento.

É citada na pesquisa como de ação anti-inflamatória para uso em machucados fechados. Único especialista que a citou, E 10 diz que utiliza as folhas com preparo de chá por cozimento e o sumo para colocar em cima do local afetado. Relata que o seu exemplar nasceu sozinho, por isso considerou-se de nascimento e surgimento espontâneo ou não cultivado.

A pessoa entrevistada afirmou que a planta pode ser encontrada comumente em terrenos baldios, capoeiras, quintais e beira de mata.

#### 1.2.1.4 Pitanga

Árvore nativa do Brasil, a Pitangueira (*Eugenia uniflora*), segundo Matos e Lorenzi (2008), ocorre desde o Planalto Meridional até as restingas litorâneas do Nordeste. Citada por 40% (04) dos especialistas locais. Considerada por eles de forma consensual como do tipo não cultivada. Afirmam que pode ser encontrada em quintais, capoeiras e florestas. Os quatro especialistas recomendam o mesmo uso, de forma unânime, para febre.

Consta no volume 2 da Farmacopéia brasileira (BRASIL, 2010), onde são descritas suas características organolépticas em que as folhas secas apresentam odor cítrico e sabor picante. A publicação refere que se trata de uma droga vegetal constituída pelas folhas secas da espécie contendo taninos, flavonoides expressos em quercetina e óleos voláteis.

Conforme Matos e Lorenzi (2008), os frutos são medianamente ricos em vitamina C. Na forma *in natura* são comumente utilizados como sucos e preparados com geleias e doces. Na tradição popular, o uso das folhas vem sendo atribuído a várias propriedades por serem consideradas excitantes, febrífuga, aromática, antirreumática e antidiarreica.

Na comunidade estudada as folhas são utilizadas para o preparo por duas formas de aplicação do chá cozido, que pode ser bebido separadamente ou misturado

a outros componentes para a produção de xaropes para gripe. Nesse caso, com o intuito de combater a febre ocasionada pela gripe. Por isso dois deles salientaram que a pitanga é indicada para febre e não antigripal.

Quanto aos cuidados com plantio e coleta das folhas de pitanga, sob a análise do discurso do sujeito coletivo, as seguintes falas foram obtidas:

E 1: Nenhum cuidado especial.

E 2: Os mesmos cuidados das coletas para não matar a planta e os horários de início da manhã e final da tarde pra ter efeito melhor.

E 3: Não tenho em casa, quando preciso pego na vizinha, então não sei o cuidado.

E 4: O cuidado é escolher as folhas que estejam boas, sem machucado, ou queimada, mais verdinhas.

Pode-se extrair as seguintes orientações: nenhum cuidado especial é necessário nas coletas para não matar a planta e os horários de início da manhã e final da tarde são indicados para ter melhor efeito. Escolher as folhas que estejam boas, sem machucado, ou queimada, mais verdinhas.

#### 1.2.1.5 Cajueiro

Segundo Matos e Lorenzi (2008), trata-se do *Anacardium occidentale*, o cajueiro era utilizado pelos índios do Nordeste do Brasil desde a época pré-colombiana. Nas práticas da medicina caseira, são usadas preparações de uso oral, feitas com a entrecasca, a goma e o LCC<sup>9</sup>, de acordo com a tradição, e é tida como antidiabética, adstringente, antidiarreica, depurativa, tônica e antiasmática.

Di Stasi e Lima (2002) apontam que é uma árvore nativa do Nordeste do Brasil que alcança até 15 metros de altura e tem tronco tortuoso com 25 a 30 cm de diâmetro. Suas folhas são alternas, pecioladas, ovaladas, onduladas, glabras, reticuladas e nervadas em ambas as faces e as flores pequenas de cor pálida. Trata ainda que o gênero *Anacardium* significa “semelhante ao coração” pela forma da semente, que é confundida com o fruto.

Conhecido na comunidade estudada como “pé de caju”, foi citado por uma especialista local (E 1) como de uso medicinal. Ele é considerado como espécie não cultivada, e já existia em seu quintal. Segundo a fala da interlocutora, esta árvore não requer cuidados especiais para a manutenção, é facilmente encontrada em quintais, capoeiras e próximo à praia.

---

<sup>9</sup> Segundo Matos e Lorenzi (2008), é o líquido da castanha do caju, que é um óleo-resina cáustica existente dentro da castanha do caju.

Quando da coleta do material da entrecasca, a recomendação dada é de fazer o corte sem circular por completo o tronco, pois pode levar à morte da árvore. Dentro do uso medicinal é citada com duas ações: para diarreia e como cicatrizante. Para a diarreia, recomenda a parte da fruta tomada em forma de suco. Como cicatrizante, as folhas e entrecascas preparadas por chá cozido e tintura para aplicação local em ferimento aberto.

#### 1.2.1.6 Quebra-pedra

Matos e Lorenzi (2008) trazem a denominação de *Phyllanthus niruri* (tendo outras espécies parecidas e com propriedades similares), que ocorre em toda a região tropical, inclusive até o sul da América do Norte. Cresce principalmente no período da estação chuvosa em todo tipo de solo, sendo comum sua ocorrência nas fendas de calçadas, terrenos baldios, quintais e jardins em todos os estados brasileiros.

Quanto ao uso, Matos e Lorenzi (2008) relatam que em medicina popular é conhecido de longa data e de forma unânime na literatura etnofarmacológica como remédio para os rins, para eliminar pedras nos rins e para urinar mais.

Consta na Farmacopéia Brasileira (BRASIL, 2010, v. 2, p. 1232), como droga vegetal constituída pelas partes aéreas secas, contendo taninos e ácido gálico. Trata-se de uma droga inodora, sabor amargo no início da mastigação, tornando-se suave posteriormente. A publicação o descreve como planta herbácea, glabra, com até 60 centímetros de altura, caules simples ou ramificados, os principais delgados e sem folhas; as folhas quando observadas em conjunto têm o aspecto de folhas compostas de pequenas leguminosas.

Apenas E 10 citou essa erva, que cresce espontaneamente em qualquer tipo de terreno, mesmo em frestas e rachaduras de superfícies impermeabilizadas, por isso em locais diversos, a exemplo de quintais, caminhos de passagem, canteiros, jardins, beira de mata, capoeira.

O especialista entrevistado E 10 diz que não o plantou, que cresce espontaneamente sem ser cultivada, principalmente em épocas de chuva e inverno. Relatou que faz uso para problemas urinários e para pedras nos rins.

O cuidado com a coleta, conforme E 10, é de observar o local:

Se está limpo, longe de bueiros, fezes de animais, depois lavar em água corrente os raminhos, e fazer uso de chá abafado, sem ferver. Tomar bastante, várias vezes ao dia, por sete dias e pausar por sete. Se continuar o problema, repetir o processo.

### 1.2.1.7 Mastruz

Com o nome científico *Chenopodium ambrosioides*, de acordo com Matos e Lorenzi (2008) é uma erva perene ou anual muito ramificada, com até um metro de altura, com cheiro forte, desagradável e característico. Originária da América Central e do Sul é considerada como erva daninha. Na medicina popular brasileira é tida como estomáquica, antirreumática, anti-helmíntica e para o tratamento de contusões e fraturas.

Esta é uma planta de uso medicinal comum na região do bairro Nossa Senhora da Vitória, com ação anti-inflamatória e para machucados. Citada por dois especialistas locais que o consideram do tipo não cultivado. Utilizam de suas partes preferencialmente as folhas. É comumente encontrado em quintais e capoeiras.

Orientam seu uso de duas maneiras: o suco batido, puro ou com leite e o sumo triturado *in natura*, sem cozimento para aplicação no local machucado. Quanto ao machucado, salientam que é do tipo fechado ou sem ferimento, lesões fechadas que sejam ocasionadas geralmente por pancada ou inflamação.

## 1.3 CONCLUSÕES

Foram identificadas 48 plantas de uso medicinal que são consideradas pelos informantes locais como as de uso mais frequentes. Dessas, 41,6% (20) são consideradas como não cultivadas, o que pode ser interpretado como sendo de maior facilidade em inserir no programa municipal de Farmácias Vivas dentro do território.

Para ser mais aprofundado o conhecimento local acerca dos cuidados e orientações de uso, foram escolhidas 7 das 20 plantas não cultivadas, que são mais conhecidas dos especialistas por seu potencial em serem desenvolvidas e cultivadas na zona urbana e periurbana. Duas delas já são integrantes da Farmacopeia brasileira: a pitangueira e o cajueiro.

As facilidade e dificuldades reveladas na pesquisa podem fomentar os ajustes no manejo das plantas de uso terapêutico em outras hortas das áreas próximas com solos e clima correlatos.

Os conhecimentos locais a respeito das plantas elencadas podem contribuir com a implantação do programa Farmácias Vivas, fortalecendo ainda mais a tradição local de uso das plantas medicinais, que é em si um serviço ecossistêmico possível de se manter com a preservação do bioma local.

A conservação da biodiversidade das plantas medicinais, aromáticas, mágicas, cosméticas e alimentícias pode ser alcançada com a manutenção das áreas verdes, jardins e quintais e incentivo em manter essas áreas permeabilizadas pelo Poder Público e comunidade.

A comunidade estudada demonstrou com a pesquisa que tem potencial de manutenção das tradições ligadas a essas práticas e com isso alertar e pressionar os poderes executivos em subsidiar iniciativas para ações de plantio e uso das plantas medicinais serem melhor difundidas e executadas em mais espaços.

## 2 PLANTAS MEDICINAIS: USOS E PRÁTICAS

### 2.1 INTRODUÇÃO

Após terem sido descritas quanto a riqueza e frequência de uso em capítulo anterior, neste capítulo e artigo serão abordados os usos e práticas com as plantas medicinais no bairro Nossa Senhora da Vitória, em Ilhéus, Bahia. Procura-se entender os seus usos locais, principalmente os medicinais na comunidade estudada.

O termo “uso” é um substantivo masculino que, conforme o Dicionário Aurélio (FERREIRA, A., 1998), significa: prática consagrada; costume, hábito; usança: os usos da terra. E seus sinônimos são prática, costume, tradição, hábito, rotina, utilização, emprego, aplicação, execução, exercício, desempenho, praxe.

Ingold (2013) trata da relação do ser humano com o seu meio social e ambiental, e das maneiras como imprime suas marcas no caminho e em tudo que ele toca e transforma para proveito próprio. Como as abelhas que produzem o mel, e este passa a ser produto da abelha. Como a teia que é tecida pela aranha. Assim, também estão os objetos criados pelos humanos que são transformados em “coisas”, que existem por serem necessários, ou seja, por ter um uso.

Buber (2001), o filósofo das relações, distingue o “eu – tu” e o “eu – isso” com a dialética da maneira como enxergamos os outros, o mundo, a vida, a natureza, entre outros. Quando se enxerga o outro como isso, como algo distante de si, torna-se o outro em objeto e em coisa. Quando se trata do outro como tu, como próximo a si, o outro faz parte de si, mesmo tendo suas características intrinsecamente distintas das dos demais.

Pode-se enxergar o mundo natural como parte de nós, utilizando-o sem que precise coisificar os objetos e os materiais que transformamos para uso comum. As plantas têm necessidades próprias por existir e é necessário preservar os biomas independente de se é útil ou não para o ser humano.

Ulisses Albuquerque (2014) ressalta que estudos etnobotânicos têm mostrado que as cidades podem ser relíquias de tradições sobre o uso de plantas. Dentre os recursos biológicos mais estudados em etnobotânica urbana estão as plantas medicinais e comestíveis, a horticultura urbana e as plantas ornamentais.

A etnobotânica tem seu foco de estudo na inter-relação das pessoas com as espécies vegetais, sendo que o conjunto de plantas de uso medicinal que compõe o arsenal médico de uma determinada cultura é o resultado de um longo processo de validação cultural, o qual é sempre dinâmico (ALBUQUERQUE, U., 2014).

A agricultura itinerante Kaiapó, segundo Ulisses Albuquerque (2005), que tem o hábito de transplantar espécies para locais junto a trilhas e acampamentos, produziu campos na floresta que reproduzem as “ilhas naturais de recursos”, locais que concentram plantas e animais úteis. Esse hábito é também observado em comunidades rurais e periurbanas com o plantio de plantas de interesse em quintais e hortas urbanas.

Ulisses Albuquerque (2005) reflete sobre umas das práticas agroflorestais que vêm despertando o interesse dos pesquisadores em todo o mundo, que são os “quintais” (em inglês: homegarden, housegarden; em espanhol: huerto, solar), áreas localizadas ao redor de casas, ou de pequenas propriedades caracterizadas, por ser uma zona de manejo e de uso da terra.

Caballero (1992) destaca que estudos demonstraram que os “homegardens” (quintais) fornecem um complemento crítico para a nutrição humana, saúde e muitas outras necessidades. Quintais também podem representar uma fonte de renda para cultivadores.

Dentre os usos das plantas de interesse na comunidade estudada, foi observado o “mágico”, aqui conceituado seguindo o pensamento de Durkheim (1989), no qual as plantas tornam-se sagradas quando de seu deslocamento para outro sistema, diferindo daquele de sua origem, o do contexto vegetal propriamente dito, e quando da imputação a elas de um valor sacral.

Foram observadas também as ervas medicinais com emprego alimentício. O uso alimentar é, segundo Ulisses Albuquerque (2014), a utilização na alimentação humana de plantas ou de suas partes. Ele defende ainda que uma mesma espécie pode ter múltiplos usos, fornecendo diferentes produtos, que servem a propósitos diversos, o que potencializa a relevância destes para o ser humano, visto que plantas que apresentam versatilidade nos usos em diferentes categorias merecem atenção especial em esforços de conservação.

Por isso, o **objetivo** específico deste capítulo é **verificar os usos e práticas das plantas identificadas e traçar um mapa de circulação e fluxo das plantas**

## medicinais utilizadas e a transmissão dos saberes no território do bairro Nossa Senhora da Vitória.

### 2.2 USOS E PRÁTICAS

#### 2.2.1 Usos

Os usos referidos pelos especialistas locais para as plantas de preferência dos seus quintais são às vezes únicos e, para algumas plantas, apenas terapêutico, em sua grande maioria. Algumas têm uso de proteção, tidas como plantas mágicas. Outra parcela das plantas tem, além do uso terapêutico, o uso alimentar na comunidade estudada. Foi relatado ainda o uso cosmético.

É comum vermos diversas plantas em quintais e jardins do bairro estudado. Geralmente elas são relacionadas a um ou mais tipos de uso. Algumas das plantas citadas, a exemplo da Hortelã, além de ser utilizada em receitas de xarope para tosse, portanto uso terapêutico, são utilizadas também como tempero no preparo de algumas comidas, incluída no uso alimentar, sendo, assim, classificada nas duas formas de uso.

Apresentamos em tabela as plantas medicinais citadas, seus usos, partes utilizadas e preparo, respectivamente relacionados entre si.

**Tabela 5 – Usos, frequência, partes usadas e formas de preparo relatadas**

Nº	Planta	Uso e frequência de citações	Partes usadas	Preparo
01	Água de Alevante	1- Cicatrizante pós-parto (01)	1- Folhas	1- Tintura alcóolica
02	Alecrim	1- Insônia (01)	1- Sementes	1- Chá
03	Alfazema	1- Enxaqueca (01), 2- Depressão (01)	1- Folhas	1- Chá
04	Algodão	1- Inflamação (01)	1- Folhas	1- Chá ou suco batido com leite
05	Alumã	1- Dor de barriga e estômago (03)	1- Folhas	1- Chá
06	Amescla	1- Rinite (01), 2- Cicatrizante (01)	1- Pó do tronco, 2- Entrecasca	1- Tópico direto 2- Tintura alcóolica
07	Amora	1- Reposição de hormônio feminino (02) 2- Anestesia dor de dente (01)	1- Folhas e frutas 2- Folhas	1- Suco 2- Direto no local e tintura alcóolica



Nº	Planta	Uso e frequência de citações	Partes usadas	Preparo
08	Anador	1- Dor de cabeça (01)	1- Folhas	1- Chá
09	Aroeira	1- Problemas de pele (05), 2- Sarampo (01), 3- Gastrite (02)	1,2,3- Folhas e casca	1- Sumo/sabão 2- Banho 3- Chá
10	Arroizinho	1- Rins inflamados (01)	1- Folhas	1- Chá
11	Arruda	1- Uso mágico (02)	1- Galho 2- A planta plantada	1- Reza 2- Espanta mau olhado
12	Artemijo	1- Dor de cabeça (01) 2- Gengiva de bebê doendo (01)	1,2- Folhas	1,2- Chá e Banho
13	Babosa	1- Cicatrizante (01), 2- Cosmético para cabelo (01)	1,2- A massa da folha	1- Pomada e creme
14	Banatenã	1- Ferimento aberto grande (úlceras de perna, varizes, parto) (01)	2- Casca	1- Banho e Banho de acento
15	Barbatimão	1- Cicatrizante (03) 2- Descarrego (01)	1- Folhas e casca 2- Folhas	1- Chás e tintura (entrecasca) 2- Banho
16	Boldo	1- Emagrecedor (03)	1- Folhas	1- Chá e suco batido
17	Cajueiro	1- Diarréia (01) 2- Cicatrizante (01)	1- Fruta 2- Folhas 3- Entrecasca	1- Suco 2- Chá 3- tintura
18	Canudinho	1- Cicatrizante (02)	1- Folhas	1- Tintura
19	Capim Daruanda	1- AVC – Derrame/ Mágico (01)	1- Folhas	1- Defumador
20	Capim-santo	1- Calmante (03) 2- Insônia (02)	1- Folhas 2- Folhas	1- Suco 2- Chá
21	Casca de raiz-de-mangue	1- Cicatrizante de feridas (02)	1- Casca da raiz (parte mole intermediária, nem do tronco nem da ponta)	1- Chá forte (ferve bastante) para aplicação na ferida
22	Chuchu	1- Pressão alta(01)	1- Legume com casca crú	1- Suco batido com maracujá
23	Cidreira de folha/Erva-cidreira	1- Dor de barriga (04), 2- Calmante (03)	1- Folhas	1- Chá
24	Confrei	1- Dor profunda (01), 2- Pós-parto (01), 3- Cólica menstrual (01)	1- Folhas	1- Chá e suco batido 2- Banho de acento
25	Erva-doce	1- Calmante (07)	1- Folhas	1- Chá
26	Favaca-de-galinha	1- Expectorante (03), 2- Tempeiro (01)	1- Folhas 2- Folhas	1- Xarope 2- Triturado
27	Fedegoso	1- Tosse (01)	1- Raiz	1- Chá para Xarope
28	Folha de Guiné	1- Inflamação (01) 2- Dor no corpo (01) 3- Afrodisíaco (01)	1- Folhas	1- Emplastro 2- Chá

Nº	Planta	Uso e frequência de citações	Partes usadas	Preparo
		4- Descarrego (01)		3- Tintura alcoólica (cachaça) 4- Banho
29	Garú da praia	1- Reduzir colesterol e triglicérides (01)	1- Folhas	1- Chá
30	Hortelã grosso	1- Expectorante (07) 2- Tempeiro (01)	1- Folhas e talos	1- Xarope
31	Hortelã miúdo	1- Calmante (03), 2- Vermífugo (02)	1,2- Folhas e talos	1- Chá 2- triturado
32	João Barandim/ Jaborandi	1- Dor profunda de machucado fechado (01)	1- Raiz fina	1- Tintura alcoólica
33	Jurubeba	1- Pra tudo (01) 2- Gripe (01)	1- Cascas 2- Folhas	1- Cachaça 2- Chá e xarope
34	Manjerição	1- Expectorante (03) 2- Tempeiro (02)	1,2- Folhas	1- Xarope 2- Triturado
35	Maracujá	1- Calmante (02) 2- Pressão alta (01)	1,2- Fruta	1,2- Suco
36	Mastruz	1- Inflamação (01), 2- Machucado (01)	1- Folhas	1- Suco 2- Sumo para ingerir e aplicar no local
37	Melão de São Caetano	1- Inflamação (01)	1- Folhas	1- Chá e suco batido
38	Melissa	1- Intestino preso (01)	1- Folhas	1- Chá
39	Pata-de-vaca	1- Diabetes (01)	1- Folhas	1- Chá e cortada na salada ou cozida.
40	Pião-roxo	1- Uso mágico (02) 2- Dor de dente (01)	1- Galho 2- Leite 3- A planta plantada	1- Reza 2- Aplicação direta. 3- Espanta mau olhado
41	Pitanga	1- Febre (04)	1- Folhas	1- Chá e xarope
42	Quioiô	1- Expectorante (02)	1- Folhas	1- Xarope
43	Quebra-pedra	1- Pedra nos rins	1- Folhas	1- Chá
44	Romã	1- Inflamação de garganta (02)	1- Fruta, sementes e folhas	1- Chá para gargarejo
45	Sabugueiro	2- Catapora e sarampo	2- Folhas	2- Banho e xarope
46	Siriguela	1- Pressão alta (02)	1- Folhas e frutos	1- Suco e chá
47	Tetrex	1- Machucados de pancada (01)	1- Folhas	1- Chá e Emplastro (sumo para aplicar)
48	Trançagem	1- Inflamação feminina (02)	1- Folhas	1- Chá e suco

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Foram identificadas 48 plantas relacionadas com o uso medicinal. Na tabela acima são descritos os usos das plantas e a frequência em que foram citadas pelos entrevistados. Os preparos utilizados foram em formas de chás, xaropes, banho, sabão, tintura, emplastro, suco e sumo.

As partes das plantas mais utilizadas são as folhas (37), seguidas de cascas (03), talos (02), entrecascas (02), galhos (02), fruto (02) e raízes (01). Observa-se que as folhas são as partes mais utilizadas nos preparos. O uso mais expressivo de folhas, segundo Messias et al. (2015), representa uma boa prática de manejo sustentável da flora, provocando menores impactos sobre as populações das espécies utilizadas. O uso predominante das folhas foi observado em pesquisas correlatas (PILLA; AMOROZO; FURLAN, 2006; HANAZAKI et al., 2000).

Quatro das plantas citadas, além do uso medicinal, foram relacionadas a uso mágico. Das plantas relacionadas na pesquisa como sendo de uso mágico e suas respectivas formas de aplicação, lista-se: Capim D'Aruanda (Defumador), Arruda (Reza), Pião-roxo (Reza) e Folha de guiné (Banho de descarrego). Existem mais plantas locais de uso mágico, porém os informantes citaram as que têm esse uso associado ao medicinal por conta da pergunta norteadora da pesquisa, que se direciona às plantas de uso terapêutico.

O uso do Capim D'Aruanda é explicado por E 1:

A forma de preparo é no chá pra banho. Pode beber também. Bota numa vasilha e queima com palha de alho, defuma a roupa da pessoa e bota a pessoa pra cheirar a fumaça. A gente usa a fumaça pra defumar a pessoa que teve aquele mal do vento, aquela antiga doença que dizia que a pessoa ficou torcida porque o vento passou. Que hoje chama de AVC, derrame. Faz o defumador e passa ao redor da pessoa, pra tratar da segunda parte do corpo, a alma.

E 1 ressalta o cuidado com o uso do Capim D'Aruanda:

Só funciona se fizer logo; se demorar pra começar a fazer, não vai ter muito efeito. Essa é uma coisa mágica que essa planta tem que eu aprendi com meus pais, com minha avó que era caboca. Eles me ensinaram desse jeito, pode beber, fazer banho e é remédio mais de defumar.

Segundo E 10: “A Arruda é bom pra olhado. Tem gente que anda com aquilo detrás da orelha para evitar olhado e olho gordo, inveja”. E quanto ao Pião-roxo, ela diz que: “O povo fala que ele é bom pra dor de dente. Tem gente que pega aquilo para rezar”.

Quanto à Folha de guiné, E 1 relata: “banho de descarrego, esse é pra a alma, do pescoço pra baixo, não pode molhar a cabeça. Pode tomar na cachaça também. Usa de manhã e de tarde”.

Dentre os usos terapêuticos, contando as funções por planta, destacam-se: cicatrizante em primeiro lugar, com oito (08) plantas, seguido de inflamações (06), calmante (05), expectorante (04), pressão alta (03), insônia (02), problemas de pele

(02), catapora e sarampo (02), vermífugo (02), estômago/gastrite (02), dor de barriga (02), dor de cabeça (02), dor de dente (02), dor profunda (02), dor no corpo (01). Juntando-se dores em geral, são nove plantas.

Menos frequentes, seguem os demais alvos terapêuticos citados com uma planta para cada: machucados (01), tosse (01), gripe (01), febre (01), reposição de hormônio feminino (01), cólica menstrual (01), inflamação feminina (01), intestino preso (01), pedra nos rins (01), machucado de pancada (01), ferimento aberto grande (01), AVC/ derrame (01), afrodisíaco (01), depressão (01), diabetes (01), diarreia (01), emagrecedor (01), enxaqueca (01), gengiva de bebê doendo (01), insônia (02), pra tudo (01), reduzir colesterol e triglicérides (01), rinite (01).

Quanto às funções no sistema médico local, segundo Ulisses Albuquerque (2013), ao utilizar os termos “alvo terapêutico” em vez de doença a que determinada espécie está associada, tem-se o objetivo de respeitar os conceitos êmicos sobre saúde e enfermidade, a nosologia local, visto que isso pode vir a ter importante papel na escolha do tratamento a ser utilizado.

A seguir estão listados os alvos terapêuticos com os respectivos códigos da CID-10<sup>10</sup> encontrados e relacionados ao número de plantas relatadas para a função:

**Tabela 6 – Alvos terapêuticos e quantidade de plantas relacionadas com a CID-10**

<b>CID-10</b>	<b>Alvos terapêuticos</b>	<b>Número de plantas para a função</b>
I64	AVC – Derrame	01
F52.0	Afrodisíaco (falta de desejo sexual)	01
F45.0	Calmante (Nervosismo)	05
B01 e B05	Catapora e sarampo	02
T01	Cicatrizante (ferimento)	05
T01	Cicatrizante de feridas	01
T01	Cicatrizante pós-parto	02
N94	Cólica menstrual	01
F32	Depressão	01
E14	Diabetes	01
A09	Diarreia	01
R10	Dor de barriga	02
K29.7	Estômago e gastrite	02
R51	Dor de cabeça	02
K08	Dor de dente	02
R52	Dor no corpo	02
R52.9	Dor profunda	02
E66	Emagrecedor (Obesidade)	01
G43.1	Enxaqueca	01
R05	Expectorante	04

<sup>10</sup> Classificação Internacional de Doenças (OMS).

<b>CID-10</b>	<b>Alvos terapêuticos</b>	<b>Número de plantas para a função</b>
R50.9	Febre	01
T14.1	Ferimento aberto grande	01
K06	Gengiva de bebê doendo	01
J11	Gripe	01
-----	Inflamação	04
J02.9	Inflamação de garganta	01
N71.9	Inflamação feminina	01
F51.0	Insônia	02
K59.0	Intestino preso	01
R60.0	Machucado	03
N20	Pedra nos rins	01
R53	Pra tudo (mal-estar, fadiga)	01
I10	Pressão alta	03
L98	Problemas de pele	02
E78	Reduzir colesterol e triglicérides	01
N95.1	Reposição de hormônio feminino	01
J30.4	Rinite	01
N16	Rins inflamados	01
R05	Tosse	01
B83.9	Vermífugo	02

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa e conforme a CID-10.

Conforme Ulisses Albuquerque (2013), a presença de várias espécies com a mesma função minimiza a pressão de uso nas espécies individuais porque os eventos de extração são divididos entre as mesmas. Isso é conhecido como redundância utilitária, que propicia um rodízio na procura de determinadas espécies, como ocorre com a redundância ecológica.

Na tomada de decisão sobre escolhas das espécies a serem elencadas para a farmácia viva local, deve-se levar essa informação em consideração para a gestão e conservação da biodiversidade, de modo que esse sistema médico local seja resiliente e não cause impactos negativos sobre o recurso, visto que há a ocorrência de coletas em áreas não cultivadas na pesquisa como florestas próximas, praias e manguezal.

Ulisses Albuquerque (2013) acrescenta que a presença de vários substitutos para um mesmo uso o torna mais capaz de absorver distúrbios diversos que poderiam comprometer a funcionalidade do sistema.

As espécies mais procuradas na comunidade em floresta são as arbóreas. Da Aroeira, conforme quatro dos entrevistados que a citaram, prefere-se as cascas e as folhas, pois nelas há uma maior concentração da substância medicinal, por essa espécie estar no seu ambiente natural. Porém, ela é possível de desenvolver-se tanto em floresta como em ambiente urbano.

A Banatenã (JR07), citada por uma única especialista local (E 1), que é ex-rezadeira, é uma árvore frondosa nativa da Mata Atlântica e não se desenvolve na área urbana, segundo a interlocutora. É necessário entrar na floresta para coletar as partes da planta requeridas pela receita pela entrevistada E 1.

E 10 relatou que as pessoas no bairro estudado comentam que a sua mão é boa para plantar. Mas, quando pegam as plantas para utilizar, ela não sabe como ensinar, então recomenda que procurem sua mãe ou sua avó. Inicialmente, houve dúvida em sua inclusão como especialista, porém a decisão por torná-la parte do grupo da pesquisa foi mantida por deter o conhecimento acerca do plantio.

E 1 é filha de uma reconhecida rezadeira da região e passou por um tempo a ser também. Recentemente, as duas se tornaram protestantes e deixaram de fazer as rezas tradicionais. Ainda assim, continuam receitando tratamentos naturais, visto que, segundo elas, essa parte não entra em conflito com suas atuais visões religiosas.

Por questões de saúde, memória diminuída e idade avançada, a matriarca da família não pôde participar da pesquisa. Por respeitar sua decisão, foi realizada com ela apenas uma conversa informal.

Nessa conversa, mãe de E 1 e avó de E 10, dona Maria relatou ter tido a necessidade de diminuir parte do seu quintal para a construção de uma casa para um de seus filhos e, por conta disso, foi suprimida parte de sua horta com a impermeabilização de uma porção do quintal. Esse é um exemplo de evento que coloca a resiliência do sistema em risco, pois tratava-se de um quintal com muitas plantas medicinais.

Os especialistas E 2, E 3 e E 4 são membros da Igreja Católica e da Pastoral da Saúde. Relatam gostar dos conhecimentos sobre plantas medicinais, mas não concordam quando são atrelados a “rezas”.

E05, que é ACS, disse que respeita as rezas e afirmou em uma das conversas informais que no futuro a ação mágica das plantas vai ter uma explicação científica.

O uso mágico teve quatro citações atreladas ao uso medicinal. O uso alimentar também foi citado como um dos usos possíveis de ser feito a partir de algumas das plantas consideradas por eles como de uso terapêutico.

As partes das plantas mais utilizadas são as folhas, seguidas das cascas e entrecascas. As formas de preparo mais valorizadas são os chás em geral, seguidos de xaropes e pomadas.

Os alvos terapêuticos mais frequentes e com maior número de plantas relacionadas são as inflamações, dores diversas e problemas de pele, respiratórios e verminoses. Os últimos problemas relatados têm forte relação com o saneamento básico local, que ainda vem passando por melhorias, mas no geral é precário.

Foram observadas funções no sistema médico local com espécies de plantas diferentes para alvos terapêuticos comuns à comunidade, o que favorece a uma maior resiliência ao sistema, caso alguma falte por questões ligadas à sazonalidade ou por mudanças no meio.

Algumas das plantas não foram encontradas no primeiro momento da coleta para a exsicata por conta dos seguintes fatores: por estar em período chuvoso e por ter sido impermeabilizado uma parte de um dos quintais onde elas ocorriam. As plantas não coletadas foram: Garú da praia, Confrei e João Barandim.

Garú da praia cresce em abundância no verão, período em que foi feita a coleta posteriormente. O Confrei teve a área impermeabilizada e não foi encontrado no território do bairro no período de coleta e, segundo E 1, ela pode ser comprada na Feira do Malhado quando for precisar utilizar. Já o João Barandim, segundo os responsáveis pelo herbário foi depositada a exsicata, seria a planta Jaborandi, árvore de interior de floresta.

O Jaborandi (João Barandim) não foi encontrado, pois o local referido como onde havia espécimes do mesmo sofreu uma forte supressão por ação do empreendimento Cidadelle, que está construindo um condomínio habitacional no local.

### **2.2.2 Práticas**

Com base nas respostas das entrevistas, estão descritas as medidas que os cuidadores de horta tomam para a manutenção dos seus quintais, sob a análise do discurso do sujeito coletivo. Descreve-se a seguir as práticas relacionadas ao solo do bairro em estudo.

E 10 relata sobre o cuidado com a Arruda:

Ela gosta de terra mais seca... no barro vermelho não cresce. Nós plantamos num vasinho pra dar pra alguém, pra ver se pega, mas ela é muito sestrosa. Difícil de pegar, quem sempre planta lá de minha casa é meu tio que é caboco. Quando ele vem da aldeia de Sapucaieira peço pra fazer as mudas

e sempre dá certo. Eu nem gosto de tocar nas arrudas porque qualquer coisa morre. A depender da mão da pessoa, morre tudo.

**Tabela 7 – Cuidados realizados pelos especialistas locais com o solo**

<b>Especialistas</b>	<b>Cuidados com o Solo</b>
E 1	Aduba com cascas de cacau quebradas e pisadas, folhas e cocô de gado. Molha, ara.
E 2	Aduba e molha
E 3	Aduba, molha, tira ervas daninhas.
E 4	Aduba com cascas de verduras e molha
E 10	Aduba com esterco e molha.

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Com relação à adubação, houve o relato do uso de cascas de verduras (01), esterco de gado (02), casca de cacau quebrada e pisada (01), e folhas (01). Limpam removendo ervas daninhas (01), molham (05) e aram (01).

**Tabela 8 – Tipo de solo nos quintais das especialistas do bairro**

<b>Especialistas</b>	<b>Tipo solo</b>
E 1	Terra preta
E 2	Terra preta
E 3	Terra preta e vermelha
E 4	Arenoso e terra vermelha
E 10	Arenoso

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Os tipos de solo no local de estudo variam entre terra preta (02), mistas com terra preta, vermelha e arenosa (02) e arenoso (01). A variação do tipo de solo reflete a própria formação do território que fica entre floresta e restinga costeira, e que sofreu aterro em alguns locais para cobertura de áreas alagadas.

Magalhães (1997) menciona que a disponibilidade de condições ambientais é vantajosa a certas plantas, como também inviáveis ou não tão favoráveis a outras, e que, de fato, as plantas sofrem influências significativas do fotoperíodo, da temperatura, da umidade do ar e da quantidade de água, tudo isso alternando por vezes sua fisiologia e comportamento. Defende que o cultivo em locais de condições favoráveis terá menor custo de produção.



**Figura 10 – Foto do quintal do especialista E 10**



Fonte: Foto realizada pela autora da pesquisa, 2017.

À medida que o ambiente urbano é ampliado, a tendência geralmente é a redução da riqueza de espécies de plantas e cobertura vegetal. Observamos no decorrer da pesquisa que isso de fato acontece. Este fato é preocupante, visto que a tendência à urbanização das comunidades é cada vez maior, o que pode gerar impactos muito nocivos para a saúde humana e para o ecossistema local.

### 2.3 CIRCULAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS E SABERES RELACIONADOS

Os moradores do bairro Nossa Senhora da Vitória compartilham conhecimentos e partes das plantas que necessitam cotidianamente. Foi possível observar, além dos usos tradicionais locais, a forma como as plantas circulam no território e a maneira pela qual os conhecimentos acerca delas são firmados.

Na pesquisa, com base nas entrevistas, os quintais foram descritos como principais locais fornecedores de plantas de uso terapêutico, seguidos dos terrenos baldios ou capoeiras que se localizam nas laterais das ruas de passagem. Finalmente, as florestas circunvizinhas e as áreas externas à comunidade servem de repositório de exemplares vegetais para reprodução e continuidade dos cultivos.

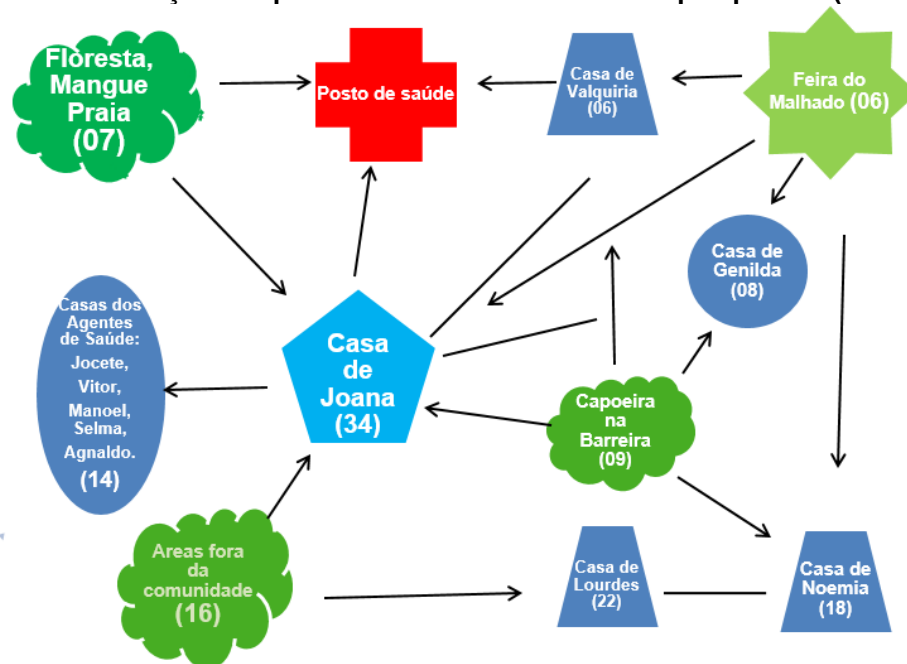
### 2.3.1 Circulação das plantas medicinais no território estudado

Com base nas entrevistas realizadas na presente pesquisa, foi observado e traçado um mapa de circulação das plantas medicinais no território. O termo “casa” no mapa corresponde aos quintais dessas casas que têm plantas medicinais. Nesse mapa de fluxo vê-se, de acordo com as falas dos participantes da pesquisa, que acontece um tipo de ecossistema de trocas entre a floresta e a área urbana próxima das casas e do posto de saúde.

A Figura 11 foi produzida na perspectiva de gerar um mapa ilustrativo com a sinalização por setas direcionadoras que indicam de onde partiram doações ou as aquisições de espécies das plantas citadas no território.

Neste momento está especificado apenas o movimento das plantas citadas, sem especificação das espécies. As setas foram caracterizadas em se tratando da circulação das plantas, de onde vieram e para onde se dirigiram.

Figura 11 – Circulação das plantas medicinais no território pesquisado (Sociograma)



Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Legenda: —→ Sentido unidirecional; — Sentido bidirecional;

▲ Casa com quintal e horta;

◆ Casa com maior horta;

● Áreas verdes urbanas;

● Casas sem quintais/hortas - cultivo em vasos.

Os locais caracterizados em verde são as áreas naturais de reposição – Floresta, Áreas fora da comunidade, Capoeira na Barreira – e a Feira do Malhado, que é uma estrutura de venda de produtos predominantemente provenientes de pequenos produtores rurais.

As casas estão sinalizadas em azul, sendo que a de Joana é a casa com maior quintal. As casas caracterizadas com trapézio azul são as com quintais menores. Já as com formatos circular e oval não possuem quintal, mas têm alguma planta específica em terreno ou caqueiro, de onde também já se forneceu algum componente para dispersão das plantas, em forma de muda, estaca ou semente. Essas últimas são as casas de Genilda e dos ACS.

Pode-se observar no mapa de fluxo de circulação das plantas no território estudado que existe um movimento de retirada das plantas da floresta para as casas e quintais do bairro e para o posto de saúde (7). Existe um fluxo intenso de retirada e recebimento de plantas na casa de Joana (34), atualmente o maior quintal com plantas medicinais do bairro.

As áreas de fora da comunidade são importantes fontes de material, com 16 plantas fornecidas. Capoeiras na Barreira ou caminhos de passagem representam o segundo local repositório, com 9 plantas, seguido da Feira do Malhado, com 4 plantas.

As setas ou flechas direcionais foram geradas no sociograma de acordo com o movimento das plantas no território realizado pelos especialistas locais, conforme o relato das entrevistas. O movimento dessas plantas locais deu-se por meio do plantio de mudas, sementes, frutos ou estaquias.

O posto de saúde não possui quintal ou jardim para ser possível o cultivo no local, porém tem uma área central onde são confeccionadas as receitas e para onde são direcionadas as coletas com fornecimento para a população em geral. Nesse local de convergência, além de serem elaboradas as receitas, são feitas oficinas de ensinamento sobre as plantas envolvidas no preparo.

O fluxo de circulação das plantas informadas no território segue o movimento de acordo com as setas, com dois tipos de sentidos: unidirecional, quando segue apenas um sentido; e bidirecional, quando o movimento é nos dois sentidos, de ida e volta.

Entre as casas de Joana e Valquiria, Joana e Genilda, Lourdes e Noemia, o fluxo é bidirecional; os demais fluxos seguem sentido único ou unidirecional. Esse

mapa de circulação apresenta o movimento entre as principais áreas e quintais. Existe, porém, o fornecimento e movimento específico de cada quintal, com suas principais fontes individuais aos quais iremos detalhar melhor a seguir.

Na Tabela 9 estão descritas a quantidade de plantas terapêuticas que entraram nas casas e quintais das especialistas, especificando as origens.

**Tabela 9 – Circulação das plantas nos quintais e origem no território**

<b>Especialistas</b>	<b>Origem das plantas</b>	<b>Quantidade</b>
E 1	Buerarema	01
	Itabuna	01
	Floresta próxima	02
	Sapucaieira - Aldeia	02
	Feira do Malhado	01
	Nasceu sozinho	05
E 2	Vizinha	05
	Salvador	02
	Capoeira na Barreira	04
	Mangue	01
	Feira do Malhado	01
	Nasceu sozinho	04
	Vizinha	02
E 3	Itabuna	01
	Floresta próxima	02
	Sapucaieira - Aldeia	02
	Feira do Malhado	01
	Nasceu sozinho	05
E 4	Almadina	01
	Quintal de Joana	10
	Capoeira na Barreira	01
	Mangue	01
	Feira do Malhado	01
	Nasceu sozinho	01
E 5	Nasceu sozinho	02
	Quintal de E 2	02
E 6	Quintal de E 2	04
E 7	Quintal de E 2	03
E 8	Quintal de E 2	03
E 9	Quintal de E 2	02
E 10	Avó Maria	03
	Nasceu sozinho	07
	Vizinha	07
	Jairi - Ilhéus	01
	Feira do Malhado	03
	Floresta	02
	Praia - restinga	01

Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Segundo os especialistas locais, as áreas que são fontes de recurso fitogenético das plantas terapêuticas são classificadas inicialmente como “de dentro da comunidade” e “de fora da comunidade”, sendo essa a primeira distinção referida.

Dentre as áreas de fora do bairro, entram aqui a Feira do Malhado (06), local de comércio de produtos agrícolas da cidade e região, sítios e quintais de outros bairros, como também cidades circunvizinhas.

Foram citados os locais externos ao bairro, ou seja, fora da comunidade, que são os seguintes: Feira do Malhado (06), sítio no Jairi (01), Sapucaieira – Aldeia indígena (02), estes dois últimos ainda na zona Sul da cidade. E citadas como locais originários as cidades vizinhas de: Buerarema (01), Itabuna (01), Almadina (01), Salvador (02) e Jequié (02), estas duas últimas mais distantes do município de Ilhéus.

Já quando se trata das localidades dentro do bairro, essa gama fica maior em número de citações: são quintais dos próprios especialistas (34), principalmente o de E 2; quintais de outros vizinhos que têm algumas variedades (14); terrenos baldios e Capoeiras na Barreira (09); Floresta próxima, Mangue e Praia/restinga (07).

São utilizados como locais repositores os que foram nomeados no mapa de circulação como áreas de fora da comunidade, todos os sítios e cidades mais distantes, a exemplo de Couto, Jairi, e das cidades como Itabuna e Jequié. Desses locais, é observado apenas fluxo de saída, para entrada no sistema local de cura.

A casa de E 2 tem um intenso fluxo de entrada e saída de diversas plantas, tanto de mudas como de partes isoladas para as receitas.

A última tabela apresenta uma variação das plantas que não foram possíveis determinar a circulação, visto que nasceram sozinhas, ou seja, de desenvolvimento espontâneo. Foram 20 no total: Cidreira de folha (03), Tetrex (01), Anador (01), Cajueiro (01), Pitanga (01), Aroeira (03), Mastruz (01), Trançagem (01).

As mudas e partes removidas da floresta somente seguem um fluxo de saída, mostrando que ela é um importante repositores fitogenético no território estudado. Das florestas da cidade de outras localidades também partem espécimes para a Feira do Malhado.

A Feira do Malhado é um local procurado para reposição de espécies, principalmente as sazonais e as espécies pioneiras, a exemplo da Babosa, Hortelã e de algumas exóticas, como o Confrei. Aqui subentende-se as plantas que não são nativas e que em geral não têm a característica de invasoras, pois são cultivadas.

A Feira do Malhado, que como o nome indica fica no bairro do Malhado, localizado mais ao Norte da cidade de Ilhéus, é onde observa-se apenas fluxo de saída das plantas.

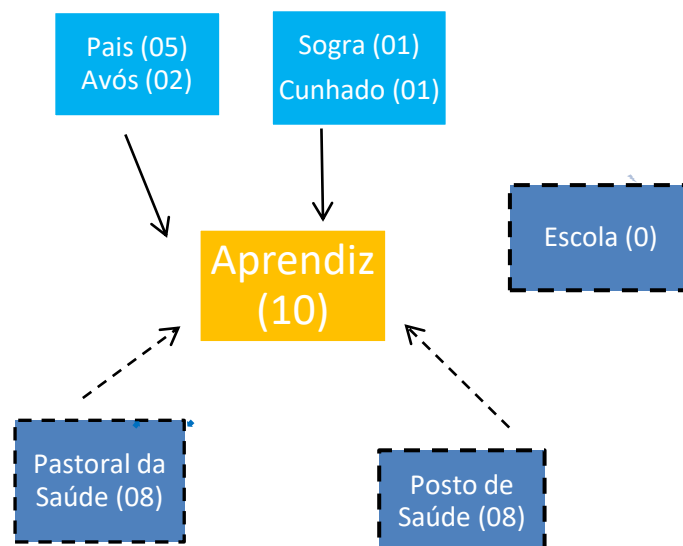
Os especialistas locais identificaram as espécies como cultivadas e não cultivadas. As plantas cultivadas são predominantemente de origem de outros biomas.

As plantas medicinais não cultivadas são as que na área de estudo crescem espontaneamente ou que necessitam de poucos cuidados. Inicialmente acreditamos que seriam em maior número de citações de uso, porém foi constatado que a maioria das citações foram das cultivadas, sendo essas as que requerem um esforço maior em cuidados e manejo.

### 2.3.2 Circulação dos conhecimentos e saberes sobre as plantas medicinais mais utilizadas

Esta etapa da pesquisa trata de como vem acontecendo a transmissão dos conhecimentos e saberes acerca das plantas de uso terapêutico na localidade do Bairro Nossa Senhora da Vitória, tendo em vista as respostas fornecidas pelos especialistas locais quando questionados quanto a quem os ensinou sobre as plantas medicinais nas entrevistas realizadas.

Figura 12 – Mapa de circulação de saberes no local estudado



Fonte: Elaborada pela autora com os dados da pesquisa.

Legenda: ■ Linha lisa nas bordas, transmissão familiar (vertical); ■ Linha pontilhada nas bordas, transmissão formal (horizontal); ■ Aprendiz, especialista local; → Flecha direcionadora de transmissão vertical; - -> Flecha direcionadora de transmissão horizontal.

Foi possível observar que o aprendizado se deu de maneira vertical (09) e horizontal (08) em importância numérica próxima. Segundo Moraes e Neves (2012), conhecimento transmitido de maneira vertical é caracterizado quando existe uma hierarquia (geracional, por exemplo), e horizontal é quando ocorre entre pares de mesma grandeza na estrutura social.

Os especialistas entrevistados são: três pertencentes à Pastoral da Saúde; cinco funcionários do Posto de Saúde; e dois são pessoas leigas e rezadeiras, não pertencentes a essas últimas estruturas organizacionais referidas.

As plantas foram conhecidas por meio dos ancestrais familiares: pai, mãe, avós, sogra e cunhado (este sendo 30 anos mais velho que a pessoa entrevistada), por isso com comportamento verticalizado, que é compreendido por Ulisses Albuquerque (2013) como mais lento, conhecido como a estratégia de evolução cultural de “muitos para um”.

Também houve o aprendizado por meio de estruturas oficiais. Na comunidade estudada, foram referidas a Pastoral da Saúde e o Posto de Saúde. Nesse caso, a estratégia de difusão utilizada é a horizontal “de um para muitos”, que, segundo Ulisses Albuquerque (2013), é mais rápida, menos conservativa e mais aberta a inovações.

Não foi relatado aprendizado por meio da estrutura oficial de maior relevância no processo de ensino/aprendizado, que é a escola. Não houve relatos de conhecimento de planta medicinal por meio desta, fato que gera preocupação, pois pode ser uma falha na malha de transmissão dos saberes e aumento do risco na resiliência do sistema.

Smith-Oka (2008) estudou os usos de plantas medicinais em saúde reprodutiva e observou que houve um hiato geracional na transmissão dos conhecimentos etnobotânicos por dois fatores principais: a introdução da biomedicina e o fato de não se fazer novos aprendizes. Segundo a autora, a geração mais jovem não tem sido sensibilizada quanto à utilização medicinal das plantas e sugere a realização de pesquisas em comunidades periurbanas, pois é possível que isso ocorra por todo o mundo.

A seguir, a Tabela 10 trata da relação entre a participação em curso sobre o tema de plantas medicinais e possuir horta.

**Tabela 10 – Participação em curso e possuir horta**

	<b>Participou de curso</b>	<b>Possui Horta</b>
E 1	Sim	Sim
E 2	Sim	Não
E 3	Sim	Não
E 4	Sim	Não
E 5	Sim	Não
E 6	Sim	Sim
E 7	Sim	Sim
E 8	Não	Sim
E 9	Sim	Não
E 10	Não	Sim
Total	80% participou	50% possui

Fonte: elaborada pela autora com dados da pesquisa.

Participaram de atividades sobre plantas medicinais promovidas pela equipe de saúde do bairro 80% dos entrevistados, tendo 50% posse de horta medicinal.

Todas os participantes dos cursos específicos possuíam hortas anteriormente aos cursos, sendo que somente dois deles, E 8 e E 10, não participaram dos cursos e possuem horta com plantas terapêuticas.

Os cursos na Unidade de Saúde ocorreram no decorrer dos últimos oito anos. Esse dado reforça que a comunidade tem um vínculo com o tema “plantas medicinais” anterior à ocorrência das ações na Unidade de Saúde.

Os especialistas locais possuem horta medicinal em um período que varia de dez a trinta anos. Ulisses Albuquerque (2014) refere que o tempo de moradia interfere no conhecimento dos recursos naturais e na sua utilização de forma positiva, ou seja, quanto maior o tempo de permanência no território, maior é o conhecimento acerca dos recursos naturais existentes nele.

A circulação dos conhecimentos e saberes sobre plantas de uso medicinal na comunidade estudada tem sido realizada de maneira vertical entre pessoas com experiência reconhecida e entre familiares intergeracionalmente, e de maneira horizontal por meio da Pastoral da Saúde e do Posto de Saúde.

A entrevista semiestruturada possibilita o surgimento de novas inquições no seu percurso, sendo acrescentado se houve algum momento tratado sobre a importância de plantas medicinais na escola e todos os respondentes foram unânimes na resposta negativa.



A não observação da transmissão desse conhecimento pelo sistema de ensino escolar é preocupante, pois a deterioração da transmissão de saberes tradicionais e transgeracionais é algo passível de acontecer em qualquer contexto social com acesso aos bens globalizados.

A transmissão do conhecimento vertical apesar de mais lenta é conservadora. Ela é observada na comunidade pesquisada associada à transmissão horizontal. A transmissão horizontal do conhecimento, que é mais rápida, tem um paradoxo de colocar a resiliência do sistema em risco, caso não haja sucessão entre os membros dos grupos. Fato que poderia ter ocorrido no decurso da pesquisa por meio da morte de um membro da Pastoral da Saúde com grande notoriedade nas atividades.

Especificamente, essa transmissora de conhecimentos foi lembrada por todos os participantes da pesquisa, por meio de quem não só conheceram algumas plantas em particular, como também aperfeiçoaram a maneira como utilizavam anteriormente. Tamanha foi sua importância no bairro, que existe uma creche com seu nome em sua homenagem. Essa pessoa de grande importância no sistema local de cura do Bairro Nossa Senhora da Vitória era a Irmã Bernardete.

Durante sua permanência na Pastoral da Saúde em Ilhéus, a Irmã era entusiasta por plantas medicinais e métodos tradicionais de cuidados de saúde e promoveu uma série de ações alavancando o tema no bairro. Diversas pessoas da comunidade, profissionais de saúde e demais profissionais puderam ser sensibilizados com aprendizado *in loco* através de sua liderança.

Fazendo todas as etapas, desde o plantio à coleta, tendo o fim no preparo durante as aulas práticas e oficinas, pormenorizando cada planta e cada receita, a Irmã Bernardete explicava quais partes das plantas continham o princípio ativo para confecção caseira. Destacamos, dentre suas falas, a necessidade de conhecer como plantar cada uma delas. Saber quais são suas exigências e necessidades, horários corretos de coleta e remoção menos agressiva para que se possa continuar fazendo uso sem prejudicar a planta.

Porém, apesar de seu falecimento, a Irmã Bernardete deixou seu legado numa comunidade que já detinha conhecimentos e que, por ter as duas formas de transmissão culturais bem desenvolvidas, foi possível dar continuidade aos usos terapêuticos das plantas locais.

Observa-se que a segurança e qualidade são aspectos reforçados nas atividades que ocorrem no bairro em estudo. Junto aos especialistas locais entrevistados, há um consenso quanto aos cuidados com a coleta das plantas medicinais. Elas devem ser colhidas de locais longe de sujeiras e possíveis contaminantes.

Os especialistas entrevistados ressaltaram de maneira consensual que as plantas medicinais devem ser limpas, selecionadas e lavadas antes do uso. Precisam ser confirmadas e coletadas por pessoas que realmente conheçam as plantas que serão necessárias.

Descrevem as formas de reprodução e cuidado com o solo, quantidade de água adequada, tipos de adubação e enriquecimento do solo, podendo assim atrelar a sustentabilidade com a utilização de resíduos orgânicos produzidos na cozinha e depositados junto à terra.

Observa-se que um dos produtos utilizados na adubação do solo são as cascas de verduras produzidas no preparo dos alimentos. De modo que se promove um ciclo de reaproveitamento de substratos produzidos, gerando uma forma de compostagem rudimentar e de possível redução da produção de lixo doméstico.

Além disso, em termos econômicos, a comunidade reconhece os benefícios da utilização dos produtos existentes no território, como se observa na fala de E 2:

Morei em Jequié antes de vir pra Ilhéus. Lá eu tinha muitas plantas medicinais e muitas plantas de consumo pra alimentos mesmo, como verduras e frutas. Gosto de ter minhas plantas com coisas que vou precisar. Assim, já não vou ter que comprar essas coisas e também é melhor do que o que é comprado, porque é limpo e não tem produto químico. Quando me mudei pra cá eu trouxe o que pude no caminhão de mudança. Em caqueiros, galhos e sementes, de acordo com a planta. O que não vingou ou não pegou, eu fui conseguindo por aqui, com vizinhos e parentes.

E 2 tem o quintal mais visivelmente biodiverso do bairro, bastante denso; tem mais plantas medicinais do que a pessoa pôde recordar na entrevista. Algumas das plantas excedentes desse quintal, embora não estejam citadas na pesquisa, já começaram a ser coletadas para constar na exsicata e posterior catálogo das plantas do bairro a ser produzido.

A pessoa informante E 10 é a mais nova em idade no estudo e teve a transmissão de conhecimento acerca das plantas através de sua mãe e sua avó, portanto intergeracional e verticalizado, segundo as definições relatadas por Ulisses Albuquerque (2013).

A comunidade demonstrou interesse em dar continuidade aos usos e ampliação da transmissão dos conhecimentos. Para tanto, propõe-se a implantação do programa Farmácias Vivas e o registro de todas as plantas medicinais dos quintais mais procurados para a produção das receitas, além da confecção de um manual com a comunidade.

## 2.4 CONCLUSÕES

A circulação das plantas no território estudado desenhou um fluxo de fornecimento de sementes e mudas da floresta vizinha para os quintais do bairro. Desenvolveu-se assim um sistema ecológico baseado no sistema de cura tradicional local. Já a circulação de conhecimentos e saberes ocorreu com os fluxos vertical e horizontal com importâncias numéricas próximas, o que nos faz refletir quanto à resiliência do sistema como forte e de possível continuidade. Embora o tamanho da bola de neve em 10 entrevistados reflita a baixa adesão de novos especialistas.

Por outro lado, a estrutura oficial da escola não foi relatada como local de aprendizado sobre as plantas de uso terapêutico. Pode ser um ponto fraco no sistema local a ser observado e onde pode ser incentivado o aprendizado para as gerações futuras.

Durante a pesquisa houve ocorrência de situações que poderiam colocar em prova o sistema médico local: a morte de uma transmissora importante de saberes e a impermeabilização de área de quintal fornecedor de espécimes. No entanto, observou-se resiliência do sistema com a continuidade a partir de outros membros e com a procura das plantas em outros locais possíveis.

A existência de inúmeras áreas verdes públicas nos municípios de Ilhéus e Itabuna são pontos de partida para o desenvolvimento de diversos projetos, de hortas comunitárias a farmácias vivas, podendo ser realizadas em postos de saúde, terrenos de praças e jardins, escolas, dentre outros.

Com o presente trabalho de pesquisa e resultados obtidos, pode-se concluir que existem condições favoráveis à execução de trabalhos voltados ao incremento das ações com hortas medicinais na comunidade estudada, visando a manutenção das práticas, dos saberes e da diversidade fitogenética local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Dialogar com os saberes locais visando à difusão de cuidados de saúde e conservação ambiental por meio da valorização do bioma local e suas interações com área periurbanas e florestas próximas é o ponto alto desta pesquisa.

Os usos das plantas elencadas foram descritos pelos atores locais prevalecendo o uso medicinal, seguido dos usos mágico, alimentar e cosmético. Dentre os usos medicinais, destacaram-se aqueles com as funções anti-inflamatórias, cicatrizantes, para tratamentos de pele, problemas intestinais e respiratórios, que refletem questões deficitárias relacionadas ao saneamento básico, mais sensivelmente ao acesso à água encanada, tratamento do esgoto e coleta de lixo.

Com relação à circulação das plantas no território estudado, foi desenhado um fluxo onde ocorre o fornecimento de sementes e mudas da floresta vizinha para os quintais do bairro e dentro do próprio bairro pesquisado. Desenhou-se, assim, um sistema ecológico baseado no de cura tradicional local.

Quanto à circulação de conhecimentos e saberes, observou-se fluxos vertical e horizontal com importâncias próximas. Isso faz refletir a possibilidade de continuidade do fluxo que vem ocorrendo de forma intergeracional, tendo a participação de estruturas oficiais.

Das estruturas oficiais envolvidas com fluxo horizontal de conhecimentos e saberes, destacam-se o Posto de Saúde e a Pastoral de Saúde. Observou-se a exclusão da escola neste processo, como ponto em que se deve dar especial atenção às ações futuras de valorização do bioma. Pode ser sugerido à Secretaria de Educação para incluir no curriculum escolar dos alunos não só do bairro estudado, mas do município e demais cidades da região o tema de “Plantas medicinais” para fortalecimento dessa tradição.

Sobre os conhecimentos locais a respeito das plantas de uso terapêutico elencadas, vislumbramos como essas sendo possíveis propulsores da implantação do programa Farmácias Vivas, podendo gerar um fortalecimento maior da tradição local no uso de plantas medicinais, que é *per si* um serviço ecossistêmico possível de se manter com a preservação do bioma local de Mata Atlântica.

Isso pode ser alcançado com a manutenção das áreas verdes, jardins e quintais e incentivo em manter essas áreas permeabilizadas pelo Poder Público e comunidade. Para tanto, sugere-se a produção de um catálogo ou manual constando todas as plantas conhecidas para ser utilizadas no programa Farmácias Vivas. A exemplo das fotos do herbário de plantas medicinais de Fortaleza, da Universidade Federal do Ceará, produzido por Abreu Matos, que criou o projeto Farmácias Vivas (Figuras 13 e 14).

**Figura 13 – Foto do Laboratório de Produtos Naturais do Projeto Farmácias Vivas/UFC**



Fonte: Foto realizada pela autora da pesquisa na Universidade Federal do Ceará, 2017.

**Figura 14 – Foto de Placa do Horto de Plantas Medicinais do Projeto Farmácias Vivas/UFC**



Fonte: Foto realizada pela autora da pesquisa na Universidade Federal do Ceará, 2017.

O bairro estudado na presente pesquisa demonstrou potencial para ser fornecedor de propágulos e de conhecimentos e saberes sobre as plantas medicinais para outros locais do município.

Pode-se ainda fomentar a criação de um plano municipal para o programa Farmácias Vivas dos municípios da região ou de outras áreas de Mata Atlântica, como também, pode-se incentivar a manutenção e ampliação de áreas permeáveis nas áreas urbanas e periurbanas.

Foi realizado levantamento de unidades de saúde com áreas verdes no entorno da estrutura física e com interesse reconhecido da equipe em cultivar árvores e plantas de uso terapêutico no município de Ilhéus, despontando o mesmo interesse de escolas com o potencial já elencadas.

Indica-se a adoção de áreas para o plantio, tanto em unidades de saúde como unidades escolares, ampliando ainda para terrenos baldios, podendo ser subsidiados para a cultura de plantas alimentares e medicinais, que muitas vezes se confundem e se entrelaçam.

Das experiências que podem ser aproveitadas para aplicação em nossas áreas verdes, parques e jardins, em visita ao parque municipal de Fortaleza, o Parque do Rio Cocó, a forma de exposição das plantas – medicinais ou não – busca a valorização do bioma e das plantas (Figura 15).

**Figura 15 – Foto de exposição das plantas do Parque do Rio Cocó em quadros**



Fonte: Foto realizada pela autora da pesquisa em Fortaleza, 2017.

Figura 16 – Placa identificando área de plantio no Parque do Rio Cocó



Fonte: Foto realizada pela autora da pesquisa em Fortaleza, 2017.

Também essa última placa (Figura 16) pode ser feita com as escolas na adoção de uma área no Parque Municipal Natural da Boa Esperança, com plantio de medicinais em alguma parte com pouca cobertura vegetal no seu interior ou áreas do entorno.

Há a possibilidade de se conseguir mudas de árvores nativas de uso medicinal junto ao Órgão municipal de meio ambiente com a sinalização positiva para as espécies Aroeira, Amescla, Cajueiro, Ipê Amarelo e Pitanga.

O plantio e a proteção dessas árvores em ambiente urbano e periurbano juntos, com o cultivo de outras espécies arbustivas e ervas medicinais, podem gerar conservação e formar ilhas de biodiversidade como encontradas no meio de florestas produzidas pelo mesmo comportamento dos indígenas de trazer para próximo de si as espécies de interesse medicinal.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação de técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de doenças transmissíveis em populações organizadas em redes complexas**. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Ciências)– Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/Albuquerqueemm.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino de. **Etnobiologia e biodiversidade**. Recife: NUPEEA, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife: NUPEEA, 2013.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Introdução à etnobiologia**. Recife: NUPEEA, 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos**. Recife: NUPEEA, 2010.

ALVES FILHO, Manuel. CPQBA desenvolve 1o cultivar brasileiro da planta medicinal macelinha (*Achyrocline satureioides*). **Ecodebate**, 27 maio. 2009. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2009/05/27/cpqba-desenvolve-1o-cultivar-brasileiro-da-planta-medicinal-macelinha-achyroline-satureoides/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

AZEVEDO, Elaine de. **Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. **Notícia histórica de Ilhéus**. 5. ed. Itabuna: Via Literarum, 2013.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopéia brasileira**. Brasília, DF: Anvisa, 2010, 2v.



BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB. Decreto legislativo nº 2, de 1994.** Aprova o texto da Convenção sobre Diversidade Biológica, assinada durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada na cidade do Rio de Janeiro, no período de 5 a 14 de junho de 1992. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/7513-conven%C3%A7%C3%A3o-sobre-diversidade-biol%C3%B3gica-cdb>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Conselho de Gestão do Patrimônio Genético. **SisGen:** manual do usuário. Versão 1.0 (provisório). Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2017. Disponível em: < [https://sisgen.gov.br/download/Manual\\_SisGen.pdf](https://sisgen.gov.br/download/Manual_SisGen.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 8.772, de 11 de maio de 2016.** Regulamenta a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/decreto/D8772.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8772.htm)>. Acesso em: 27 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015.** Regulamenta o inciso II do § 1o e o § 4o do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3o e 4o do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto no 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória no 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13123.htm)>. Acesso em: 27 ago. 2017.

BUBER, Martin. **Eu e tu.** Tradução, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CABALLERO, J. Maya homegardens: past, present and future. **Etnoecológica**, v. 1, n. 1, p. 35-54, 1992.

CAMPANILI, Maura; SCHAFFER, Wigold Bertoldo (Org.). Mata Atlântica: patrimônio nacional dos brasileiros. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2010.

DIEGUES, Antônio Carlos. (Org.). **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil:** os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: MMA; NUPAUB-USP, 1999.

DI STASI, Luiz Cláudio (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência**. São Paulo: UNFSP, 1996.

\_\_\_\_\_.; LIMA, Clélia Akiko Hiruma. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2002.

DURKHEIM, Emile. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

EMPERAIRE, Laure; ELOY, Ludivine; SEIXAS, Ana Carolina. Redes e observatórios da agrobiodiversidade, como e para quem? Uma abordagem exploratória na região de Cruzeiro do Sul, Acre. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**. [online], v.11, n.1, p.159-192, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n1/1981-8122-bgoeldi-11-1-0159.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, Elizabeth Igne. Como nascem e se desenvolvem os novos medicamentos. In: SILVA, Penildon. **Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010, p. 212-220.

FLICK, U.; KARDORFF, E.; STEINKE, I. **Qualitative research: a handbook**. London, Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2002.

HANAZAKI, Natalia. et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v.9, p.597-615, 2000. Disponível em: <<http://qualquant.org/wp-content/uploads/ethnoecology/Hanazaki%20et%20al%202000.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

HERBÁRIO Universidade Estadual de Santa Cruz (HUESC). Disponível em: <<http://www.splink.org.br/form?lang=pt&collectioncode=UESC>>. Acesso em: 15 maio 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/panorama>>. Acesso em: 3 fev. 2018.

INGOLD, Tim. **Making**: anthropology, archaeology, art and architecture. London: Routledge, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAGALHÃES, Pedro Melillo de. **O caminho medicinal das plantas**: aspectos sobre o cultivo. Campinas: CPQBA, 1997.

MARTIN, Gary J. **Etnobotânica**: 'pueblos y plantas', manual de conservacion. Montevideo: Nordan Comunidad, 2000, v.1.

MATOS, Eloina; QUEIROZ, Luciano Paganucci de. **Árvores para cidades**. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia; Solisluna, 2009.

MATOS, Francisco José de Abreu. **Farmácias vivas**: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades. Fortaleza: UFC, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à fitoquímica experimental**. Fortaleza: UFC, 2009.

\_\_\_\_\_.; LORENZI, Harri. **Plantas medicinais no Brasil**: nativas e exóticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MESSIAS, M.C.T.B. et al. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. *Rev. Bras. Pl. Med.*, Campinas, v.17, n.1, p.76-104, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n1/1983-084X-rbpm-17-01-00076.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

MING, Lin Chau. **Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes**: uma visão etnobotânica. São Paulo: UNESP, 2006.

MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. Estruturas de conhecimento e exigência conceitual na educação em ciências. **Educação, Sociedade e Culturas**, Lisboa, n. 37, p. 64-88), 2012.

OLIVEIRA, Esmael Alves de; VIANA JUNIOR, Mario Martins; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. **Metodologias de pesquisa em ciências humanas**: campos, problemas e objetivos. Curitiba: CRV, 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em: <<http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **Cuidados primários de saúde**. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde. Alma-Ata, URSS, 6 a 12 de setembro de 1978. Brasília, DF: UNICEF, 1979. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/39228/5/9241800011\\_por.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/39228/5/9241800011_por.pdf)>. Acesso em: 3 fev. 2018.

PERONI, Nivaldo; HERNÁNDEZ, Malva Isabel Medina. **Ecologia de populações e comunidades**. Florianópolis: CCB/EAD/UFSC, 2011.

PILLA, Milena Andrea Curitiba; AMOROZO, Maria Christina de Mello; FURLAN, Antonio. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 789-802, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-33062006000400005&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

PIZZATO, Luciano; PIZZATO, Raquel, organizadores. **Dicionário socioambiental brasileiro**. Curitiba: Tecnodata Educacional, 2009.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina: Vida, 2001.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa; MIELKE, Marcelo Schramm; PEREIRA, Carlos Eduardo. **Nossas árvores**: conservação, uso e manejo de árvores nativas no sul da Bahia. Ilhéus: Editus, 2009.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direito dos agricultores**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

SMITH-OKA, Vania. Plants used for Reproductive Helth by Nahua Women in Northern Veracruz, Mexico. **Journal of Economic Botany**, v. 62, n. 4, p. 604-614. 2008.

TARIQ, Akash et al. Ethnomedicinal evaluation of medicinal plants used against gastrointestinal complaints. **Biomed Research Int.**, v. 2015, maio. 2015. Disponível em: <<https://www.hindawi.com/journals/bmri/2015/892947/>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

TASSARA, Eda (Org). **Dicionário socioambiental**: idéias, definições e conceitos. São Paulo: Brasil Sustentável, 2008.

## ANEXOS

### ANEXO 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA

#### - Questões do perfil do entrevistado:

Código de identificação, (número para o entrevistado não ser identificado). \_\_\_\_\_

Sexo: M ( ) F ( )

Idade: \_\_\_\_\_

Pertence a alguma etnia ao grupo diferenciado? Qual?

Local onde reside:

Escolaridade: (depois coloco em faixas)

#### - Dados sobre a horta medicinal:

Há quanto tempo tem horta de plantas medicinais?

Qual o tipo de solo da sua horta?

Quais cuidados que você tem com o solo em geral?

#### - Dados sobre as plantas medicinais:

Quais as plantas medicinais que você mais utiliza ou recomenda?

Com quem aprendeu sobre o uso das plantas?

#### - Para cada planta listar:

Uso

Partes utilizadas

Cuidados

Forma de preparo

Se é do mato ou cultivada

Onde pode encontrar (mata, capoeira, roça, quintal, terreiro, dentro de casa).

Quem deu, (de onde veio)

Lembra quem ensinou sobre a planta

Quais as receitas mais utilizadas?

Onde podemos encontrá-las?

Quais as doenças que mais costuma ter e ver no bairro?

## ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### **Programa de Mestrado Profissional em Conservação da Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável**

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

1. No primeiro momento de minha aproximação como pesquisador foi realizado o convite para a sua participação na pesquisa cujo tema é: Plantas Medicinais da Mata Atlântica: Avaliação de experiência na unidade de saúde do bairro Nossa Senhora das Vitórias em Ilhéus, Bahia.
2. Justificativa, objetivos e metodologia.
  - a. Você foi escolhido para participar na pesquisa em função de suas experiências com ações ligadas ao uso de plantas medicinais. Este critério decorre de uma análise realizada por mim e pelos orientadores da minha dissertação, no delineamento do trabalho de campo para a pesquisa em questão.
  - b. O objetivo geral deste estudo é: Incentivar o conhecimento e utilização das plantas medicinais da Mata Atlântica nas unidades de saúde da região sul da Bahia de maneira planejada e não predatória, buscando a valorização da biodiversidade e preservação da Mata Atlântica, baseado na experiência das ações realizadas na comunidade do bairro Nossa Senhora das Vitórias.
  - c. A sua participação na pesquisa consistirá de conversas com o pesquisador por meio de entrevistas semiestruturadas.
  - d. No caso de dúvidas, haverá esclarecimentos no sentido de não comprometer a realização das entrevistas e não causar constrangimentos à pessoa entrevistada.
3. Para este momento do trabalho de campo da pesquisa em questão, a categoria de entrevista semiestruturada é o meio previsto para encaminhar a conversa com \_\_\_\_\_ . Caso seja necessário outro procedimento, será realizada comunicação, antecipadamente, à pessoa entrevistada. O registro do conteúdo das entrevistas será por meio de gravação digital em aparelho marca Apple, modelo Iphone 5s para o qual é solicitado o pedido de autorização, e do registro escrito das entrevistas.
4. O referencial metodológico para este trabalho de pesquisa pauta-se na pesquisa qualitativa e quantitativa na etnobotânica, conforme descrito na literatura pertinente e os encaminhamentos são de responsabilidade do pesquisador.

5. De acordo com os princípios éticos inerentes ao processo de desenvolvimento da pesquisa, são assegurados os seguintes encaminhamentos:
- As informações obtidas através desta pesquisa serão analisadas de forma a não comprometer o seu conteúdo e a autoria do entrevistado.
  - Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação. A apresentação da autoria das informações será por meio de nome fictício.
6. A pesquisa em questão não se caracteriza por custear quaisquer tipos de despesas e ressarcimentos às pessoas entrevistadas.
7. As dúvidas sobre o projeto e a sua participação serão esclarecidas com o pesquisador a qualquer momento.
8. O pesquisador se compromete a não usar as entrevistas em publicações jornalísticas, entretanto, o trabalho final elaborado com o auxílio das respostas dos entrevistados será divulgado por meio de textos encaminhados à imprensa e publicado em formato digital (PDF) em sites de internet que demonstrarem interesse. O pesquisador se compromete a não identificar os entrevistados nos textos encaminhados à imprensa.

---

Pesquisadora: Juliana Santos Rocha

RG: 0708329942

Fone: (73) 999553586

Declaro que entendi os objetivos da pesquisa e concordo em participar.

Ilhéus, \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2017.

---

Nome do Entrevistado

*Desenvolver e disseminar modelos inovadores de conservação da biodiversidade que promovam benefícios socioeconômicos por meio de ciência, educação e negócios sustentáveis.*

Caixa Postal 47 • Nazaré Paulista, SP 12960-000 Brasil • Fone & Fax (11) 4597 1327

[www.ipe.org.br](http://www.ipe.org.br)